

CENTRO UNIVERSITÁRIO CATÓLICO DE VITÓRIA

HUGO DELEON ANICETO DOS SANTOS

**EDUCAÇÃO FÍSICA E ESCOLINHA DE FUTEBOL: UMA REFLEXÃO SOBRE O
DESENVOLVIMENTO CORPÓREO/MOTOR E SOCIAL DE CRIANÇAS E
ADOLESCENTES**

VITÓRIA
2017

HUGO DELEON ANICETO DOS SANTOS

**EDUCAÇÃO FÍSICA E ESCOLINHA DE FUTEBOL: UMA REFLEXÃO SOBRE O
DESENVOLVIMENTO CORPÓREO/MOTOR E SOCIAL DE CRIANÇAS E
ADOLESCENTES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro Universitário Católico de Vitória, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Educação Física.

Orientador: Prof. Ms. Samuel Thomazini.

VITÓRIA
2017

HUGO DELEON ANICETO DOS SANTOS

**EDUCAÇÃO FÍSICA E ESCOLINHA DE FUTEBOL: UMA REFLEXÃO SOBRE O
DESENVOLVIMENTO CORPÓREO/MOTOR E SOCIAL DE CRIANÇAS E
ADOLESCENTES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro Universitário Católico de Vitória, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Educação Física

Aprovado em _____ de _____ de _____, por:

Prof. Ms. Samuel Thomazini - Orientador

Prof. Ms. Robson Vinicius Cordeiro - Prefeitura Municipal de Cariacica

Prof. Ms. Jolimar Cosmo - Prefeitura Municipal de Vitória

Dedico este trabalho com carinho, aos meus pais, Hermínio e Regina; a meu irmão,
Ricardo André; e a minha noiva, Sandy.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me dado saúde e inteligência para superar todas as dificuldades e conseguir chegar onde estou, pois, o mesmo permitiu que esse momento fosse vivo por mim, trazendo alegria aos meus pais e a todos que contribuíram para a realização deste trabalho.

Ao Centro Universitário Católico de Vitória, por ter nos dado a oportunidade de realizar este curso com um ensino de extrema qualidade.

Agradeço ao meu orientador Samuel Thomazini pela paciência, dedicação e ensinamentos que possibilitaram que eu realizasse este trabalho.

Agradeço aos professores Robson Cordeiro e Jolimar Cosmo, pela disponibilidade e atenção.

Por fim, agradeço de forma especial ao meu pai Hermínio, minha mãe Regina, ao meu irmão, Ricardo André e a minha noiva Sandy, pelo amor, carinho, paciência e principalmente por não medirem esforços para que eu pudesse levar meus estudos adiante, sempre estando do meu lado em todos os momentos da vida.

“O esporte é apaixonante. Podemos nos apaixonar por muitas coisas, mas a sedução do esporte é, para muita gente, inevitável. A paixão não filtra o que temos de bom ou de mau. Sai tudo em enxurradas, derramando-se sobre a mulher amada, sobre o trabalho, sobre sua festa, ou sobre o esporte. Nuns noutros casos encontra seus freios; no caso do esporte, nas regras”.

João Batista Freire.

RESUMO

Este texto apresenta um diálogo entre a Educação Física e Escolinhas de Futebol como espaços de iniciação esportiva, refletindo as relações potenciais na busca do entendimento acerca das formas possíveis de um espaço de iniciação esportiva impactar sobre o desenvolvimento corporal/motor e social das crianças e adolescentes que o frequenta. Para tanto, buscamos, por meio de uma revisão de literatura, autores que apontassem para conceitos e entendimentos Educação Física, como Darido e Souza Júnior (2007), Gallardo (2009) e Freire (2009), destacando as nuances de seus surgimento como área do conhecimento, bem como os aspectos pedagógicos e epistemológicos que contemplam tais saberes. Aliada a tal perspectiva, trazemos algumas discussões acerca da iniciação esportiva e de seus relação com a formação para cidadania, por meio do diálogo com autores como Freire (2009), Rezer (2006), Tani (2005), Bracht (2006) e Kunz (2006). Dessa forma, valendo-nos de aproximações com uma pesquisa exploratória e descritiva (ANDRADE, 2002), acompanhamos as ações de uma escolinha de futebol em Cariacica-ES. Como sujeitos da pesquisa contamos com um professor, além de 10 alunos e 10 pais/responsáveis respondentes de questionários. A análise dos dados, a partir de Franco (2008), nos possibilitou ter contato com as compreensões, sob perspectivas diferenciadas, acerca do trabalho realizado na escolinha de futebol, as expectativas, a relação esporte-cidadania, entre outros. Por fim, buscando construir uma resposta para questão motivadora, destacamos a ampliação do sentido de iniciação esportiva e de escolinha de futebol, o reconhecimento dos múltiplos saberes envolvidos no esporte e a garantia do espaço dialógico para uma formação cidadã.

Palavras-chave: Educação Física; Escolinha de futebol; Iniciação esportiva; Cidadania.

ABSTRACT

This text presents a dialogue between Physical Education and Football Schools as spaces of sports initiation, reflecting the potential relationships in the search for understanding about the possible forms of a sports initiation space to impact on the corporal / motor and social development of children and adolescents Who frequents it. To that end, we sought, through a literature review, authors that pointed to concepts and understandings of Physical Education, such as Darido and Souza Júnior (2007), Gallardo (2009) and Freire (2009), highlighting the nuances of their emergence as an area of knowledge, as well as the pedagogical and epistemological aspects that contemplate such knowledge. Allied to this perspective, we bring some discussions about sports initiation and its relation with the formation for citizenship, through the dialogue with authors like Freire (2009), Rezer (2006), Tani (2005), Bracht (2006) and Kunz (2006). Thus, using approximations with an exploratory and descriptive research (ANDRADE, 2002), we follow the actions of a soccer school in Cariacica-ES. As subjects of the research we counted on a professor, besides 10 students and 10 parents / responsible respondents of questionnaires. The analysis of the data, based on Franco (2008), allowed us to have contact with the understandings, under different perspectives, about the work done in the soccer school, expectations, the sports-citizenship relationship, among others. Finally, in order to construct an answer to a motivating question, we highlight the expansion of the sense of sports initiation and soccer school, the recognition of the multiple knowledges involved in sport and the guarantee of the dialogical space for a citizen formation.

Keywords: Physical Education; Football school; Sports initiation; Citizenship.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	19
2 REFERENCIAL TEÓRICO	29
2.1 A EDUCAÇÃO FÍSICA COMO ÁREA DO CONHECIMENTO	29
2.2 RELAÇÃO ENTRE CULTURA CORPORAL DO MOVIMENTO E CIDADANIA: UMA FORMAÇÃO QUE ULTRAPASSA O CORPO.....	32
2.3 INICIAÇÃO ESPORTIVA: DESENVOLVIMENTO COGNITIVO, MOTOR E ATITUDINAL.....	34
2.4 A INICIAÇÃO ESPORTIVA E O CONHECIMENTO DAS “ESCOLINHAS”	40
2.5 PEDAGOGIA DO FUTEBOL: POSSIBILIDADES REFLEXIVAS	43
3 METODOLOGIA	49
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO DA PESQUISA	53
4.1 ESPAÇO-TEMPO: A ESCOLINHA DE FUTEBOL	53
4.2 OS SUJEITOS: ALUNOS, RESPONSÁVEIS E PROFESSOR.....	55
4.3 OS QUE OS ALUNOS PENSAM	58
4.3.1 Atividade desenvolvida na escolinha de futebol	59
4.3.2 A presença do diálogo	60
4.3.3 A relação esporte-cidadania	62
4.4 O QUE OS PAIS/RESPONSÁVEIS PENSAM.....	64
4.4.1 As ações da escolinha de futebol	64
4.4.2 A avaliação dos trabalhos	65
4.4.3 A relação esporte-cidadania	66
4.4.4 As expectativas	67
4.5 O QUE O PROFESSOR PENSA	67
4.5.1 As ações da escolinha de futebol	67
4.5.2 O diálogo	68
4.5.3 A relação esporte-cidadania	69

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
REFERÊNCIAS	73
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO AOS ALUNOS	77
APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO AOS RESPONSÁVEIS	78
APÊNDICE C – ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM PROFESSOR.....	80

1 INTRODUÇÃO

A Educação Física, como área do conhecimento e campo de atuação na educação, seja em ambientes escolares, seja em espaços extraescolares, assim como os demais saberes e disciplinas, é imbuída a pensar não somente os aspectos educacionais concernentes à formação dos educandos, mas é preciso também atentar-se às demandas sociais nas quais os sujeitos encontram-se imersos, haja visto que muitas delas influenciam a forma com que o aluno se expressa, aprende e se relaciona consigo, com os outros e com o mundo (KLEIN; PÁTARO, 2008). Demandas essas que dizem respeito às múltiplas transformações que ocorrem na sociedade e que, conseqüentemente, atingem à escola solicitando mudanças e práticas condizentes com as necessidades emergentes.

Trabalhos e pesquisas acadêmicas, como encontramos em Cosmo (2014; 2015) e Chicon (2005), ainda que demonstrem perspectivas e objetivos diferenciados, apontam que é preciso pensar nos diferentes sujeitos que a escola atende para que a mesma se torne inclusiva, isto é, que possibilite o acesso, a permanência e o sucesso de todos os sujeitos, independentemente de suas características e/ou limitações, ao mesmo tempo em que a sociedade precisa contribuir criando e mantendo espaços nos quais as crianças e adolescentes possam desenvolver suas potencialidades, sejam elas corporais, sejam atitudinais, sejam cognitivas, visando a construção do exercício pleno da cidadania.

Destacam-se, nessa perspectiva, os direitos sociais, isto é, aqueles que tratam das necessidades humanas básicas, relacionados com a provisão de bens e serviços essenciais à vida que são ou deveriam ser oferecidos pelo Estado, de modo a promover justiça social, a saber: alimentação, saúde, educação, habitação, saneamento, lazer, entre outros (MARSHALL, 1967). Tais direitos estão interligados e são interdependentes, pois o exercício de um requer a existência de outro.

No entanto, ao mesmo tempo em que a garantia do suprimento dessas necessidades humanas básicas se apresenta como um direito, configura-se como dever de alguém, ou como indica o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECRIAD), na lei nº 8069, de 13 de julho de 1990, no Art. 4º, nas disposições preliminares:

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder pública assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à

vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária (BRASIL, 1990, p. 1).

A redação legislativa nos apresenta um olhar sobre a garantia desses direitos como uma tarefa compartilhada entre diversos sujeitos e instituições, ou seja, não é somente competência do Estado ou da família a materialização de uma educação de qualidade, de condições básicas de saúde, de prática esportiva adequada, de alimentação saudável, entre outras, mas trata-se de uma tarefa compartilhada entre essas diversas instâncias com um objetivo comum: uma vida digna.

No entanto, a realidade se apresenta a nós, dotada de contradições. Com o surgimento das grandes cidades e o crescimento desordenado dos bairros, observa-se que há uma redução das políticas e da qualidade das assistências públicas, ou seja, vivencia-se o sucateamento dos serviços básicos como a coleta de rejeitos, o saneamento, o tratamento do esgoto, a garantia de água encanada, o serviço de pavimentação, dentre outros (RÔAS; REIS, 2012). Se esses serviços básicos, exigidos pela população e prometidos, de forma incisiva, nos períodos eleitorais, não são oferecidos de forma adequada e com qualidade para todos os cidadãos, muito menos a construção e manutenção de espaços de lazer e saúde, como praças, campos de futebol e parques, interpretados como bens supérfluos, se materializam e se cumprem.

Mediante a contradição existente na relação entre os poucos espaços oferecidos pelos poderes públicos para a vivência de saúde e lazer e a necessidade e a preocupação, cada vez mais latente, de que existam espaços para práticas esportivas, lazer, promoção de saúde e socialização, seja para as crianças e os adolescentes, seja para a população de modo geral, surgem ambientes privados que oportunizam tais práticas, a exemplo das academias de ginástica, natação, lutas, escolinhas de iniciação esportiva, entre outras, na tentativa de, minimamente, possibilitar àqueles que tem condições financeiras usufruírem das potencialidades da prática esportiva e das experiências de lazer e socialização (FREIRE, 2003).

É preciso destacar que vivemos uma época em que há o anúncio de um possível crescimento do investimento em espaços esportivos e para saúde, como acontece na criação de quadras comunitárias em bairros, sejam nobres, sejam periféricos, além das praças com equipamentos de ginástica que tem se tornando um modismo em termos de aplicação de recursos no âmbito da saúde, do esporte e do lazer. No

entanto, tal relação do poder público com tais necessidades sociais ainda se mostra incipiente na medida em que é preciso que haja mais que a disponibilização de espaços e equipamentos para a prática esportiva, para a atividade física e para o lazer, é preciso que haja também investimento em pessoas capacitadas para acompanhar os praticantes de esportes, as pessoas que realizam as atividades físicas nos referidos espaços públicos, entre outros.

Um exemplo de resposta a essas necessidades sociais de criação de espaços de prática/iniciação esportiva e promoção de saúde e sociabilidade é explicado por Freire (2003, p.2), ao afirmar que “as escolinhas de futebol foram criadas somente quando as pessoas dos grandes centros urbanos, constatando a escassez de espaços para jogar bola, perceberam que podiam reinventá-los”, isto é, por causa dos processos de industrialização e crescimento urbano, os espaços livres para o lazer descompromissado, para o divertimento e para a brincadeira se tornaram cada vez mais escassos e/ou foram transformados em casas, prédios supermercados, condomínios fechados e outros espaços particulares. Essa ausência de espaços públicos e livres para a prática esportiva, para as brincadeiras e para as “peladas”, promoveu a oficialização de espaços privados e mais seguros, como ginásios e quadras, que ofereceriam aos sujeitos/consumidores um serviço de iniciação esportiva ou mesmo de lazer, que acaba não abrangendo a todos (RAMOS, 2012).

Como vimos no ECRIAD, o lazer e o esporte são considerados direitos sociais. No que tange ao primeiro, o entendimento que Ferreira (1999) nos apresenta, diz respeito às atividades praticadas nos tempos livres, sem objetivo determinado ou foco aparente, mas pautando-se na busca por divertimento, entretenimento, distração, recreio e descanso.

Cruz e Barreto (2008) por sua vez, afirmam que o lazer, para além de uma prática voltada para o desenvolvimento de vínculos afetivos e sociais, potencializa também o desenvolvimento físico e intelectual dos sujeitos. Além disso, como explicam Ribeiro e outros autores (2007) os espaços voltados para o lazer são fundamentais para práticas de atividades que possibilitem prazer, alegria e distração aos indivíduos, elementos importantes para a formação física, motora e cognitiva do ser humano, mas também para proporcionar um bem-estar que conserva os indivíduos saudáveis e dispostos para a realização de suas atividades.

No que tange a atividade física e/ou esportiva, por sua vez, Angelo e outros (2009) compreendem que o conceito de esporte deve contemplar, não somente os conteúdos que dizem respeito as habilidades motoras, que são importantes, mas também devem incluir a aprendizagem de habilidades cognitivas, afetivas, de relação interpessoal e de inserção social. Ou seja, os espaços de aprendizagem esportiva para crianças e adolescente, em sua diversidade, carregam a potencialidade de se tornar um ambiente privilegiado de interação e convivência, no qual, ao lado do ensino de habilidades motoras específicas, como o nado, o salto, a dança, a corrida, o chute, também se ensina valores, atitudes, fatos e conceitos.

De modo geral, como explica Costa (2001) as atividades físicas, esportivas e de lazer, proporcionam grandes benefícios para todas as pessoas, haja vista que: oportuniza a aprendizagem de novos movimentos; amplia o conhecimento de novos jogos; possibilita a interação com novas pessoas, com deficiência ou não; promove a realização de novas experiências de lazer e recreação; oportuniza a participação em eventos esportivos de competição (regional, estadual e internacional); auxiliam, quando é o caso, em terapias e reabilitação; auxilia no desenvolvimento da autoestima; ajuda na melhoria da autoimagem; possibilita experiências com o próprio corpo, envolvendo sensações de cansaço, relaxamento, tensão, preparo físico; entre outros.

É importante dizer que, embora o esporte e o lazer proporcionem inúmeros benefícios aos seus praticantes, existem diversos desafios sociais, políticos, educacionais, culturais e econômicos que precisam ser enfrentados, principalmente quando diz respeito, por exemplo, às pessoas com deficiências. Se vemos situações de escassez, abandono e sucateamento dos espaços públicos de esporte e lazer voltados para as pessoas sem deficiência, tanto maior é o desafio quando se trata das pessoas com alguma limitação física e/ou intelectual e que deveriam poder usufruir dos direitos que a legislação lhes garante. Tal situação, como salientam Ribeiro e outros (2007) traduzida como falta de acessibilidade a determinados espaços e serviços só aumentam o sentimento de marginalização da pessoa com deficiência, impactando no seu comportamento e desenvolvimento pessoal. Dessa forma, é importante que os ambientes de esporte e lazer estejam preparados para que todo cidadão possa usufruir de forma igualitária, experimentando as potencialidades da prática esportiva e do lazer, como práticas formativas em diversos aspectos.

Nesse contexto, cabe aos profissionais de Educação Física atentar-se também para esses ambientes extraescolares da atuação pensando os diferentes sujeitos e suas demandas sociais, com o intuito de oportunizar e garantir o desenvolvimento corporal, bem como o desenvolvimento social na construção de valores.

Ora, considerando os aspectos destacados acerca das potencialidades do esporte e do lazer nos ambientes extraescolares, da possibilidade de formação valorativa, atitudinal, cognitiva, bem como de desenvolvimento físico e motor dos praticantes de atividades físicas e nas práticas de lazer, e do papel do professor de Educação Física nesse contexto, nos deparamos com a seguinte questão norteadora: de que maneira um espaço de iniciação esportiva - “escolinha de futebol” - impacta sobre o desenvolvimento corporal, motor e social das crianças e adolescentes que o frequenta?

Tal pergunta se constitui mediante a consideração da potência formativa das práticas esportivas e educativas realizadas nos espaços destinados à iniciação esportiva, em geral, não só por se tornar um ambiente de aprendizagem motora, como também por proporcionar situações sociais de convívio com regras, com a diversidade de sujeitos, com os conflitos e suas resoluções, enfim, desvelando a formação moral, atitudinal, como outra faceta do processo de iniciação esportiva.

Nesse interim vale ressaltar que entendemos a iniciação esportiva como um processo no qual o sujeito começa a aprender de maneira específica e planejada a prática do esporte (SANTANA, 1998). Tal entendimento, por sua vez, não exclui a complexidade da formação humana, como a princípio pode se pensar, na perspectiva em que há um entendimento simplificado de que a iniciação esportiva tem o único e exclusivo objetivo de formar atletas de alto rendimento, o que é contradito por Santana (1998) que compreende que esse movimento de iniciação contempla uma formação integral do desenvolvimento, primando também pelos aspectos emocionais, afetivos, racionais, sociais e morais, presentes também nas atividades pedagógicas.

Santana (2002) considera que a pedagogia do esporte tradicional reduz sua atuação no âmbito da racionalidade, deixando a mercê do processo de formação humana, as dimensões sensíveis dos sujeitos, o que provocaria uma supervalorização da competição e o aprimoramento precoce de técnicas e táticas esportivas, em detrimento dos elementos afetivos, morais e sociais que se desvelam na prática esportiva.

A partir desses apontamentos e na busca por respostas para a questão proposta, nós lançamos numa investigação, com o intuito de encontrar indícios que apontem para a relação entre a iniciação esportiva e a formação de crianças e adolescentes em seus múltiplos aspectos. Para tanto, buscamos na literatura, autores e referências que nos permitiram entender a Educação Física, como área do conhecimento e campo de atuação, e a forma como ela se relaciona com a iniciação esportiva em ambientes extraescolar, especificamente em escolinhas de futebol.

A partir desses elementos, buscamos pensar como a cultura esportiva se relaciona positivamente ou negativamente com a cultura de paz e/ou violência, na medida em que apresenta valores, atitudes e conhecimentos que contribuem para a formação de indivíduos, sendo eles atletas de alto rendimento ou não.

Nessa perspectiva, no texto investigativo e na prática de pesquisa em questão tomamos como objetivo primordial a busca pela caracterização do trabalho realizado pelos profissionais em um espaço de iniciação esportiva - “escolinha de futebol” -, refletindo, com base na visão de professores e pais, acerca de seus impactos sobre o desenvolvimento motor e social das crianças e adolescentes que frequentam esses espaços.

Desdobrando-se como passos conseguintes do interesse investigativos descrito, elencamos algumas ações pontuais como articuladoras do processo de compreensão e reflexão do fenômeno estudo, na medida em que buscamos responder a questão motivadora. Dessa forma, destacamos a necessidade de: identificar e caracterizar o espaço de iniciação esportiva “escolinha de futebol” bem como os profissionais que atuam neste espaço; identificar e investigar o público alvo que é atendido; analisar se o contexto das aulas, as práticas desenvolvidas e espaços físicos estruturais, possibilitam momentos de desenvolvimento corporal/motor e social dos sujeitos; e verificar com os sujeitos atendidos sobre os impactos individuais na participação deste espaço.

Para tanto, por meio de entrevistas semiestruturadas e observações *in loco*, congregamos elementos reveladores e interpretativos que nos permitam construir uma perspectiva de compreensão dos potenciais impactos que as práticas realizadas em um espaço de iniciação esportiva podem gerar no desenvolvimento de crianças e adolescentes e variados aspectos, sob uma perspectiva qualitativa de pesquisa, que visa obter dados descritivos do fenômeno observado a partir do contato direto do

pesquisador, destacando o processo e a perspectiva dos participantes (LÜDKE; ANDRÉ, 2013).

De forma a apresentar a experiência investigativa e os fundamentos direcionadores dessa pesquisa, o texto encontra-se organizado em quatro etapas, a saber:

Num primeiro momento, recorreremos a autores de diversas áreas do conhecimento, sobretudo da Educação Física e do Desporto, a fim de compreendermos o fenômeno educativo esportivo e seus desdobramentos socioculturais e valorativos na formação dos sujeitos.

Nessa etapa, buscou-se a partir da compreensão da Educação Física como área de conhecimento que congrega uma diversidade de saberes e experiências acerca do corpo, do movimento e da relação de ambos numa cultura corporal do movimento, na medida em que articula as variadas manifestações humanas que aplicam tais saberes e práticas, como é o caso do esporte.

Nesse contexto, o conceito de cultura se desdobra a partir do entendimento de que o ser humano se constitui e constitui a experiência social de forma mútua, participando ativamente da construção dos elementos culturais, históricos e sociais dispostos na realidade (GALLARDO, 2009). Tal processo consiste num movimento de formação contínua, isto é, o sujeito é um aprendiz, disposto a compartilhar experiências, mas também de adquirir saberes e desenvolver habilidades para sua atuação no mundo (COSMO, 2015).

Relacionando a possibilidade formativa na qual o ser humano encontra-se imerso por estar incluído socialmente numa cultura, destacamos como uma parcela formativa a iniciação esportiva, entendida como um primeiro momento de contato com a prática específica do esporte, seja qual for a modalidade em questão (GALATTI, 2006).

Ora, sendo o esporte, nessa perspectiva, um movimento formativo, cultural, social e historicamente determinado, ponderamos a possibilidade de que os espaços de iniciação esportiva, a partir da definição de metodologias específicas, pautadas nos conhecimentos da Educação Física, carregam a potencialidade de contribuir com a construção de valores e práticas socialmente responsáveis, a partir do desenvolvimento da capacidade de diálogo, de gerir problemas, de propor soluções, de planejar ações, entre outras questões (FREIRE, 2003).

Dando continuidade à experiência investigativa, apresentamos a descrição do procedimento metodológico e as características dos instrumentos utilizados para a execução da pesquisa e busca de soluções para o questionamento motivador e a para o cumprimento dos objetivos estabelecidos. Pontua-se, como observação preliminar, que nesta investigação não buscamos o enquadramento em um tipo específico de método de pesquisa, mas, permeada pela abordagem qualitativa, tomamos elementos de aproximação que nos possibilitasse ir ao encontro dos sujeitos e das observações necessárias para o desvelamento do problema em questão.

Nessa perspectiva, através do uso de questionários para dialogar com alunos e pais/mães/responsáveis, da realização de entrevistas com professores e profissionais responsáveis, além da observação *in loco* do espaço e das relações humanas travadas em um espaço de iniciação esportiva em futebol, no município de Cariacica-ES, buscamos caracterizar o ambiente e desvelar as potencialidades formativas, sejam elas esportivas, sejam elas valorativas, do referido espaço-escolinha.

A opção metodológica nos permitiu adentrar no campo investigativo, na medida em que nos apresentou elementos da realidade e nos garantiu momentos de reflexão. Dessa forma, a terceira etapa deste trabalho, destaca a experiência investigativa em si, com os dados coletados/construídos no decorrer da ação, bem como a caracterização do espaço e dos sujeitos atravessados pela pesquisa, além da análise concernente, num diálogo com a variedade de autores elencados anteriormente.

Por fim, buscamos, por meio dos elementos da pesquisa, construir alguns apontamentos que, longe de serem conclusivos, nos permitem integrar as experiências descritas com as observações produzidas, na medida em que se constrói uma resposta para o questionamento motivador dessa investigação, isto é: na medida em que nos indica a relação possível entre o desenvolvimento motor dos alunos de uma “escolinha de futebol” e o a formação social e valorativa desses sujeitos, se há um direcionamento planejado e efetivamente executado, permitindo espaços de reflexão do esporte, do movimento e da realidade da qual tais indivíduos fazem parte.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Ao pensar a relação entre a Educação Física, como área de conhecimento, e as escolinhas de futebol como espaço de dupla função, isto é, a iniciação esportiva e a formação para cidadania, somos colocados a refletir uma diversidade de desdobramentos teóricos que se apresentam na intenção de contribuir para o debate, bem como para auxiliar a responder as questões que se depreendem dessa relação complexa.

Dessa forma, tomando a Educação Física em uma perspectiva aglutinadora de saberes, procedimentos e possibilidades, tangenciamo-la da potencialidade de contribuir, não somente com a formação esportiva e motora, num ambiente de iniciação esportiva, mas também com uma formação social, atitudinal e cognitiva que permita aos sujeitos por ela atravessados uma atuação mais dinâmica, responsável e consciente na sociedade.

Para tanto, a proposta reflexiva parte, por meio da literatura acadêmica e científica e perpassando as contribuições de autores variados, da compreensão da Educação Física como área de conhecimento que agrupa em seu bojo a relação entre a cultura corporal e a cidadania em uma diversidade de práticas pedagógicas e/ou esportivas.

2.1 A EDUCAÇÃO FÍSICA COMO ÁREA DO CONHECIMENTO

A Educação Física, enquanto área do conhecimento e campo de atuação, tem como bases fundamentais as concepções de corpo e movimento (FREIRE, 2009). Isso significa que todo o trabalho que se realiza nessa área tem uma íntima relação com esses fundamentos, de modo que seja por meio deles que tais ações são delineadas e executadas. Tal compreensão possui um caráter histórico que se confunde com o próprio desenvolvimento da Educação Física, seja nos seus aspectos filosóficos e pedagógicos, seja na sua perspectiva técnica e procedimental.

Tendo suas origens atreladas aos aspectos militares e médicos do desenvolvimento humano, por meio do qual se buscava sistematizar práticas corporais que levassem ao bom aproveitamento do corpo como instrumento servil, a Educação Física, em suas reflexões teóricas buscava apoio em conceitos de corpo e movimento no âmbito da fisiologia e do tecnicismo. Não havia uma preocupação de pensar o corpo e

movimento como partes sistêmicas de um todo integrado, mas como elementos as serem exercitados, melhorados e potencialidades para atender as demandas do trabalho e para cumprir com a tarefa de proteger a Nação (DARIDO; SOUZA JÚNIOR, 2007).

Ora, com o passar do tempo e o desenvolvimento de estudos que apontasse para outras possibilidades de interpretação da área, a Educação Física tem compreendido a necessidade de superar tais visões dicotômicas, na medida em que se considera as dimensões cultural, social, política e afetiva que compõe o corpo, isto é, o indivíduo em sua inteireza, que tem a capacidade de interagir, se movimentar e experimentar o mundo como sujeitos sociais e como cidadãos, e não apenas como máquinas sem consciência e sentimento (FREIRE, 2009).

Nessa perspectiva, no que tange a compreensão e organização pedagógica dessa área do conhecimento, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) apresentam a distinção entre organismo e o corpo como elementos primários para a construção de um entendimento mais humanizado da Educação Física. Nesse caso, por organismo se entende o sistema estritamente fisiológico, enquanto por corpo se insere todos os aspectos histórico, sociais e afetivos do indivíduo que interage num contexto sociocultural. Dessa forma, a Educação Física passa a abranger, não somente as habilidades motoras que se materializa através do corpo, mas também as produções culturais do movimento, como conhecimentos historicamente construídos e transmitidos socialmente. Daí a possibilidade de pensar a Educação Física como área potencializadora de uma formação abrangente, no sentido de apresentar aos indivíduos não somente as ações que seu corpo pode fazer, mas também de levá-los a compreender como tais movimentos fazem parte da cultura, que significados e sentidos elas traduzem, que história elas carregam, que caminhos elas indicam (BRASIL, 1997).

Quando a Educação Física passa a compreender as dimensões humanas, até então desprezadas como parte da formação corporal e motora, passa a compreender também que o ser humano é produtor e produto da cultura. Como se encontra presente no PCN:

A cultura é o conjunto de códigos simbólicos reconhecíveis pelo grupo: neles o indivíduo é formado desde o momento da sua concepção; nesses mesmos códigos, durante a sua infância, aprende os valores do grupo; por eles é mais

tarde introduzido nas obrigações da vida adulta, da maneira como cada grupo social as concebe (BRASIL, 1997, p. 26).

A cultura é, portanto, aquilo que ao mesmo tempo em que produz o ser humano como ele se apresenta ao mundo, é também produzida por ele, pela coletividade à qual pertencem os indivíduos. Ela é anterior ao homem, concomitante a ele no tempo e no espaço, e permanece quando o mesmo finda sua existência corporal. Em outras palavras, a cultura antecede o ser humano, ao mesmo tempo em que o transcende (GALLARDO, 2009).

Gallardo (2009) explica que a finitude humana e sua fragilidade biológica, bem como a dificuldade percebida ao conviver num mundo cheio de inseguranças, perigos e competição, levou os seres humanos a buscar, desde os tempos mais remotos, formas de suprir as suas limitações como invenções que tornassem os movimentos mais eficazes, por diversas razões: seja para dominar e conquistar espaços, através de intervenções militares; seja para conseguir maiores resultados econômicos, no que diz respeito às habilidades de caça, de pesca e de agricultura; seja para experimentar com maior reverência e ludicidade as atividades religiosas e ritualistas no qual se insere culturalmente.

Tais experiências inventivas geraram, no decorrer da história, inúmeros conhecimentos e representações que se modificam no passar dos anos, num movimento de (res)significação contínua, que constituem o que chama por cultura corporal que foi incorporada pela Educação Física em seus conteúdos, a saber: o jogo, o esporte, a dança, a ginástica e a luta (GALLARDO, 2009).

Dessa forma, a Educação Física, na atualidade, aglutina múltiplos conhecimentos produzidos e utilizados pela sociedade no decorrer do tempo, no que diz respeito ao corpo e ao movimento. Dentre eles, destacam-se as atividades culturais de movimento com finalidade de lazer, expressão de sentimentos, afetos e emoções, como consta nos PCN, assim como possibilidades de promoção, recuperação e manutenção da saúde (BRASIL, 1997).

O desafio é, portanto, encontrar em cada uma dessas manifestações da cultura corporal do movimento – o jogo, o esporte, a dança, a ginástica e a luta – suas benesses fisiológicas e psicológicas, bem como o uso potencial dessas manifestações como instrumentos comunicativos, expressivos, de lazer e cultura, para construir

propostas pedagógicas e formativas para a Educação Física, seja ela no âmbito escolar ou não.

2.2 RELAÇÃO ENTRE CULTURA CORPORAL DO MOVIMENTO E CIDADANIA: UMA FORMAÇÃO QUE ULTRAPASSA O CORPO

Pensar a Educação Física, na perspectiva da cultura corporal do movimento, coloca-se como um esforço na ampliação do entendimento e das potencialidades desse campo aglutinador de conhecimentos, como um espaço-tempo propício também para o desenvolvimento de habilidades cognitivas, práticas e afetivas que contribuam para o exercício pleno da cidadania. Dessa maneira, uma Educação Física que digna a pensar seus conteúdos e as capacidades que deseja desenvolver nos educandos como produtos sociais e culturais, necessita pensar, também, práticas metodológicas de ensino e aprendizagem que desenvolvam “[...] a autonomia, a cooperação, a participação social e a afirmação de princípios e valores democráticos” (BRASIL, 1997, p. 28).

Essa abrangência potencial da Educação Física, enquanto campo de atuação, para com as diversas manifestações culturais, leva os indivíduos que se veem interpelados pelas ações por ela promovidas a vivenciarem diversas práticas corporais que encontram-se presentes, também, em situações da vida cotidiana e que, em geral, passam despercebidas. Nesse sentido,

As danças, esportes, lutas, jogos e ginásticas compõem um vasto patrimônio cultural que deve ser valorizado, conhecido e desfrutado. Além disso, esse conhecimento contribui para a adoção de uma postura não-preconceituosa e discriminatória diante das manifestações e expressões dos diferentes grupos étnicos e sociais e às pessoas que dele fazem parte (BRASIL 1997, p. 29).

Sendo assim, a Educação Física assume um caráter importante na formação dos sujeitos: não se trata de uma ação educativa restrita ao corpo enquanto instrumento para o movimento, de forma mecânica e acrítica, mas de um processo formativo que agrega os elementos da prática corporal com os aspectos históricos e sociais advindos da cultura, a fim de provocar o indivíduo a pensar o mundo e suas relações de uma maneira mais respeitosa, com consciência e responsabilidade, fazendo escolhas que lhe garantam o bem-estar, sem que isso prejudique a outras pessoas e a si mesmo.

Nesse íterim, encontramos na Educação Física outro aspecto importante: a possibilidade de vivenciar situações sociais, que garantam aos sujeitos uma percepção de mundo de modo relacional, tecido nas interações entre as pessoas, suas histórias, sua cultura, seus modos de vida, enfim, sua singularidade e subjetividade (FREIRE, 2009). Há ainda as práticas lúdicas, sem fim pré-determinado, como espaços-tempos de liberdade, de aprendizagem descompromissada, de descontração, de interação livre e criativa, enfim, quando realizadas, tornam-se um momento que contribui para a promoção de saúde e bem-estar, haja vista que, como explicitam Rôas e Reis (2012) muitas das doenças cardiovasculares e crônicas degenerativas são resultados da soma de alguns fatores como uma vida sedentária e o estresse, que podem ser combatidos com processos educativos que levam a compreensão do valor e o prazer de hábitos saudáveis e da prática de atividades físicas.

Como aponta o ECRIAD, o lazer e a oferta de espaços para atividades lúdicas, recreativas e esportivas são necessidades básicas e, conseqüentemente, são direitos do cidadão. Não é positivo que se sustente a ideia de que os esportes e atividades corporais são exclusividade dos esportistas. Também não condiz com a perspectiva explicitada que tais atividades estejam limitadas apenas àqueles que podem pagar. Compreender o valor que há por trás de cada uma dessas práticas esportivas e lúdicas, bem como reivindicar o acesso a elas para todos é algo que pode ser construído conforme se faça a experiência com a cultura corporal e adquira elementos e conhecimentos que possam sustentar um posicionamento diante dessas lutas políticas e sociais.

Nesse contexto é possível perceber que a Educação Física, ao assumir como fundamento a cultura corporal do movimento, assume também uma variedade de elementos que quando se buscava apenas o desenvolvimento físico e motor, não se dava atenção devida. Isso significa que ao se instigar o desenvolvimento de práticas corporais, diversas ações emergem potencialmente como desdobramentos, seja para tratar de bons hábitos alimentares, de higiene e de atividades corporais, seja para provocar os hábitos de autocuidado, seja para construir relações interpessoais, seja para se estimule a convivência sadia, tolerante, respeitosa e não discriminatória, seja para levar os indivíduos a compreender que todos esses elementos são direitos humanos fundamentais a serem garantidos (GALLARDO, 2009).

No contexto da Educação Física, os conhecimentos construídos tem a função de dar subsídios para que os sujeitos consigam analisar criticamente os valores sociais que lhes são impostos, da mesma forma que se propõem a contribuir para que esses mesmos sujeitos participem na formação de valores mais humanos e respeitosos, como por exemplo, os padrões de beleza e saúde que, na vida sociedade, tornam-se instrumentos de dominação, de alienação, de exclusão e de discriminação social, sustentados, sobretudo, pelos meios de comunicação que os produzem, transmitem e impõem.

Outros aspectos que precisam ser exercitados no âmbito das práticas corporais e esportivas encontram-se, por exemplo, nos jogos: ao serem provocados a interagir com seus adversários, existe a possibilidade de se incentivar o respeito mútuo, a lealdade, a não-violência, o trabalho em equipe, a solidariedade, a dignidade e a justiça (FREIRE, 2009). Dessa forma, as práticas da Educação Física não estão restritas apenas ao desenvolvimento corporal e motor, mas coloca-se como foco da prática pedagógica o desenvolvimento cognitivo e atitudinal integrando a formação do sujeito em sua complexidade.

Por exemplo,

Em determinadas realidades, o consumo de álcool, fumo ou outras drogas já ocorre em idade muito precoce. A aquisição de hábitos saudáveis, a conscientização de sua importância, bem como a efetiva possibilidade de estar integrado socialmente (o que pode ocorrer mediante a participação em atividades lúdicas e esportivas), são fatores que podem ir contra o consumo de drogas. Quando o indivíduo preza sua saúde e está integrado a um grupo de referência com o qual compartilha atividades socioculturais e cujos valores não estimulam o consumo de drogas, terá mais recursos para evitar esse risco (BRASIL, 1997, p. 31).

A inclusão e a interação dos sujeitos em espaços formativos que prezam pela saúde, pelo bem-estar, pelo desenvolvimento do corpo como um todo integrado e conciso, possibilita, para além dos aspectos motores, a criação de hábitos saudáveis e de valores condizentes com uma vida pautada no respeito entre os sujeitos e o cuidado com os pares e o mundo. A prática esportiva, dessa forma, pode ser um dado para formação de sujeitos críticos e conscientes de seu papel no mundo.

2.3 INICIAÇÃO ESPORTIVA: DESENVOLVIMENTO COGNITIVO, MOTOR E ATITUDINAL

Como abordamos anteriormente, o movimento se constitui como expressão, como linguagem do corpo, desde o nascimento, atravessando a infância, a adolescência, a vida adulta e a terceira idade. Ocorre que, no decorrer da vida, os movimentos vão se desenvolvendo e ganhando complexidade conforme se experimenta e se aprende novos elementos para compor o arcabouço de práticas corporais. Tani (2005) deixa claro, que tais dados, apontam para irrefutabilidade do aprendizado motor que tangencia, principalmente, as primeiras fases da vida.

A aprendizagem motora, segundo Tani (2005) congrega uma diversidade de áreas do conhecimento e saberes: desde as contribuições da bioquímica e os processos desencadeados no organismo conforme o corpo se desenvolve e experimente novas práticas motoras, até as análises da sociologia e suas observações sobre a cultura e a história no processo de aprendizagem do movimento.

Sendo assim, a aprendizagem motora configura-se como um campo do saber que busca compreender os processos e mecanismos relacionados na aquisição de habilidades motoras e fatores que a influenciam, isto é, como a pessoa age como eficiência na execução de movimentos para atingir um objetivo proposto, com a prática e a experiência (TANI, 2005).

Segundo Galatti (2006), a iniciação esportiva consiste no primeiro momento de contato com a prática específica do esporte, tendo como característica o objetivo educacional que se fundamenta na ação, na medida em que visa contribuir para a formação do sujeito em seus aspectos físicos, cognitivos, afetivos e sociais.

Freire (2003) por exemplo, ao apresentar seu olhar acerca da iniciação ao futebol com crianças, formula uma proposta de trabalho que toma como referência diversos conceitos pedagógicos adaptáveis a qualquer trabalho de iniciação esportiva. Para Freire (2003, p. 7) no trabalho pedagógico com crianças e adolescente, é de extrema importância “[...] levar em consideração, acima de tudo, a cultura popular”, isto é, valorizar o lúdico e o recreativo, preservando a base do aprendizado infantil em seu próprio contexto, que são os jogos e as brincadeiras.

A intenção, nessa perspectiva, é pensar um processo de ensino e de aprendizagem que seja completo, no sentido de considera tanto as capacidades motoras em desenvolvimento, como também as dimensões afetivas, cognitivas e psicossociais. Para Tani (1988), a importância de um processo completo, integrado e sistêmico do

comportamento humano reside no fato de que, ao mesmo tempo em que os movimentos e habilidades motoras são desenvolvidas por meio de ações específicas pensadas pelos professores de Educação Física, a afetividade, a socialização e a cognição também encontram estímulos para se desenvolverem.

Diversos autores abordam a temática da iniciação esportiva, principalmente no que diz respeito a especialização e a competição precoce. No entanto, há uma questão que se sobressai quando queremos pensar a relação entre a iniciação esportiva e a formação do sujeito em seus aspectos sociais, afetivos e cognitivos:

É preciso “pensar o esporte” com múltiplas possibilidades, atendendo tanto as pessoas que o praticam como ocupação de tempo livre, quanto por questões de saúde; enfim, é preciso trabalhar com a iniciação esportiva que permita aos cidadãos uma prática consciente, reflexiva e crítica (PAES, 2001, p. 12).

O interessante, portanto, é que a iniciação esportiva se dê de forma multi ou uni-disciplinas e que levem aos sujeitos a sentirem prazer pelo esporte, pela prática esportiva e pelo movimento. Tais estímulos podem ser determinantes na definição da carreira desses indivíduos.

No entanto, é preciso que se compreenda que “[...] antes da pretensão de promover um campeão, [a iniciação esportiva] deve promover o homem em sua infinita potencialidade e complexidade” (REVERDITO; SCAGLIA, 2009, p. 127). Isto significa que há muito mais que habilidades motoras a serem desenvolvidas no indivíduo, há valores, sentimentos, saberes, sentidos, sonhos, desejos, esperanças, enfim, um mundo de possibilidades.

Para tanto, Almeida (2005) propõe que a iniciação esportiva seja compreendida em três estágios: a iniciação desportiva literal; o aperfeiçoamento desportivo; e a introdução ao treinamento. No primeiro estágio, por exemplo, o sujeito é lançado num ambiente cujo objetivo principal é a aquisição de habilidades motoras e destrezas gerais e específicas. Na fase do aperfeiçoamento, por sua vez, o sujeito começa a participar de situações de cooperação e colaboração, o que revela o caráter sócio-desportivo do jogo, isto é, ao mesmo tempo em que a prática esportiva se realiza com a missão de ampliar o repertório de movimentos e habilidades técnicas e táticas, ela também pode instrumentalizar os sujeitos no que tange aos elementos psicossociais, motivados, principalmente, pelas ações de cooperação e socialização existente nos jogos e brincadeiras. Por fim, a terceira etapa concerne ao desenvolvimento específico

de capacidades intelectuais e físicas de forma individual, ou seja, o sujeito é imbuído em práticas motivadoras ao desenvolvimento corporal e à melhoria do desempenho do indivíduo.

Tal perspectiva de entendimento nos provoca a pensá-la como sinônimo de uma prática de especialização precoce, o que se torna necessário superar. Para Kunz (2006), não se trata de um processo pelo qual o sujeito, que no caso é uma criança, torna-se especializada em algum desporto específico, ainda que a idade não seja adequada para tal. Dessa forma, entende-se que:

O treinamento especializado precoce no esporte acontece quando crianças são introduzidas, antes da fase pubertária, a um processo de treinamento planejado e organizado de longo prazo e que se efetiva em um mínimo de três sessões semanais, com o objetivo do gradual aumento do rendimento, além de participação periódica em competições esportivas (KUNZ, 2006, p. 49).

Daí segue-se uma série de problemáticas para do desenvolvimento do sujeito, como: a formação escolar deficiente, haja vista que a exigência do esporte pode tornar-se incompatível com a carreira acadêmica; o desenvolvimento unilateralizado, quando deveria atentar-se para a pluralidade de aspectos sócio-motores; além da reduzida participação no universo infantil e ao desenvolvimento típico da personalidade da infância.

Na verdade, a iniciação esportiva precisa ser encarada como antônima da especialização precoce, na medida em que compreendemos que ela ultrapassa a inserção do sujeito numa “escolinha de esporte” de forma que ele ali permaneça até que alcance a prática desportiva competitiva. No que tange ao aspecto social, Alves (2004) explica que a iniciação esportiva pode auxiliar os sujeitos a criarem relações com as pessoas e com o mundo; no âmbito filosófico, tal movimento potencializa a capacidade de questionar e compreender a realidade; na perspectiva biológica, amplia o conhecimento de si, da capacidade e da utilização do próprio corpo; e no aspecto intelectual, contribui para o desenvolvimento cognitivo.

Tais considerações nos auxiliam a compreender que a iniciação esportiva não pode ser encarada como um problema, na medida em que ela se realiza como um movimento de formação complexa do sujeito, de suas múltiplas capacidades, potencializando, de forma conexa, o desenvolvimento do ser humano. No entanto, há de se tecer uma crítica aos desvios de espaços de iniciação esportiva que, ao serem instigados pelos interesses mercadológicos, inserem as crianças num ambiente de

competições desniveladas e sem compatibilidade com os interesses, as capacidades e as motivações afetivas do indivíduo, pois, como nos alerta Mutti (2003, p. 23):

A criança não é adulto em miniatura. A competição entre criança não deve ter apenas uma redução no tempo de jogo e diminuição do tamanho e peso da bola [por exemplo]. Os objetivos, conteúdos e métodos diferem em muitos pontos de vistas daqueles que convêm aos adultos.

Dessa forma, faz-se necessário um olhar diferenciado acerca do sentido e do significado presente na formação esportiva e corpóreo-motor dos indivíduos, se há o desejo de se ultrapassar a mecanicidade de qualquer modo de ensino e de aprendizagem. Se considerarmos que um espaço de iniciação esportiva coloca-se sob o objetivo de apresentar elementos, saberes e técnicas, minimamente necessárias para que os sujeitos-alunos se desenvolvam, pensamos também que, para além de uma formação esportiva, tais espaços carregam também outras potencialidades educacionais a serem exploradas se houver algum interesse em se aventurar no âmbito da criticidade e da reflexão.

Dito isto, tomamos a reflexão de Bracht (2006) acerca da Educação Física no contexto educacional para observar como o papel desse saber esteve limitado a uma única perspectiva, enquanto sua potencialidade formativa, em termos socioculturais e valorativos, não era considerada.

Bracht (2006) explica que a Educação Física, nas décadas de 60, 70 e 80 do século XX, modelou-se conforme o entendimento que sua atuação estaria subordinada ao papel de iniciar esportivamente a população, inclusive, senão, sobretudo, a população escolar. A intenção primordial era que os sujeitos que passassem pelo processo de educação esportiva tivessem condições de participar e competir nas atividades e modalidade diversas, seja no município e nos estados, seja nos clubes. Ora, por esse motivo, “[...] os planos nacionais de Educação Física e Esporte construídos nos anos 70 e parte dos anos 80, portanto, durante a ditadura militar, viam na educação física o espaço para o ensino do esporte [...]” (BRACHT, 2006, p. 124). Desconsiderava-se, dessa forma, qualquer outra potencialidade presente na prática educacional corpóreo-motor, sobretudo àquelas que tinham interesse na formação cidadã, na preparação para a vida e para o mundo do trabalho de forma crítica e reflexiva, pois o foco principal era a busca pela construção de uma nação como potência esportiva.

Por esse motivo que, até a atualidade, a Educação Física ainda se configura como sinônimo de esporte, produzindo na escola e na sociedade uma monocultura do

esporte (BRACHT, 2006). Tal questão foi duramente criticada nos anos 80 do mesmo século, sobretudo com a construção do conceito de cultura corporal de movimento, pelo o qual se difundia a ideia de que os sujeitos deveriam ter acesso “[...] ao amplo espectro das práticas corporais produzidas pelo homem ao longo da história” (BRACHT, 2006, p. 125), isto é, que fosse garantido o conhecimento de manifestações diversas como a dança, a ginástica, os jogos, as lutas, entre tantas outras formas típicas e culturais de movimento.

A apreensão de esses saberes e modos de expressão corporal, como explica Bracht (2006), ultrapassa o nível das técnicas esportivas, ainda que as contemple. Conclama a compreensão reflexiva dos conhecimentos acerca das manifestações culturais diversas. Se pensarmos o futebol, por exemplo, uma educação que se digne a apenas apresentar elementos pedagógicos que garantam a aquisição de destrezas motoras sem considerar que o futebol é um importante fenômeno social, econômico e cultural, capaz de influenciar a vida de pessoas, inevitavelmente, não provocaria ao educando, seja em que espaço de educação ele estiver inserido, a compreensão crítica dos limites e possibilidades que tal prática esportiva traz para a sociedade. A questão que fica, por sua vez, é que tipo de compreensão esportiva a sociedade está sendo apresentada?

A mídia, nessa perspectiva, assume uma tarefa ora crucial, ora indigna. De uma lado, os veículos de informação poderiam lançar mão de seu papel de difusor para permitir que a população compreendesse o significado do esporte em suas múltiplas nuances. Por outro lado, a mídia pode reafirmar o esporte como um produto de luxo disponível a uma parcela ínfima da população, enquanto para os demais, as práticas esportivas são apenas um movimento lúdico, um momento de lazer, se qualquer perspectiva de transformação social. Bracht (2006), dessa forma, compreende que o esporte se apresenta como uma possibilidade, entre tantas, de enriquecer a vida por meio de movimentos e ações de sociabilidade, encontros, emoções e divertimentos. É necessário, portanto, refletir as formas como o esporte é apresentado aos sujeitos e quais os conhecimentos são congregados num movimento dito de iniciação esportiva que possam provocar, para além de aprendizagem de táticas e técnicas, a reflexão e a criticidade acerca do papel social do esporte e da responsabilidade dos sujeitos na sociedade.

2.4 A INICIAÇÃO ESPORTIVA E O CONHECIMENTO NAS “ESCOLINHAS”

Rezer (2006), ao tratar sobre a iniciação esportiva em escolinhas, chama atenção para um ponto preliminar acerca do termo “iniciar”: segundo ele, tal conceito pressupõe a ideia de que nos referidos espaços de educação/formação esportiva há um movimento de iniciar o conhecimento sobre o esporte, promover o contato com as primeiras noções.

Para o citado autor, considerar o processo de iniciação é desconsiderar que os sujeitos, ao adentrarem nas escolinhas e centros de esporte, já carregam consigo uma diversidade de conhecimentos acerca de jogos e práticas de movimento, vinculadas ou não à prática esportiva. Tais conhecimentos, por sua vez, constituem um importante arcabouço teórico e prático que poderiam ser utilizados nesses ambientes de formação.

O termo iniciação, para Rezer (2006, p. 157), indica uma problemática na relação dos sujeitos com o conhecimento a ser construído, ou como sugere a palavra iniciado:

[...] as práticas pedagógicas que obedecem ao paradigma da ‘iniciação’ (formar mão-de-obra especializada para ocupar postos de trabalhos nos espaços referentes ao esporte de alto rendimento) parecem apontar um sujeito-professor, que irá ‘ministrar as primeiras noções’, e um objeto-aluno, que será o receptáculo do saber ‘ministrado’.

Ora, tal perspectiva relacional coloca os alunos como meros receptáculos de informação, conhecimento e práticas, sem qualquer exercício de protagonismo, reflexão e criatividade, em prol de uma lógica de dominação de reprodução, objetivando o surgimento de “[...] jogadores competentes e atletas de alto rendimento” (REZER, 2006, p. 157), ao final de um processo de treinamento. Essas críticas, segundo Rezer (2006), estão no cenário educacional desde a década de 80 do século XX, mas ainda hoje se vislumbra a continuidade dessa prática como habitual e correta.

Ao tratarmos da relação com o conhecimento nesses espaços de formação esportiva, partimos, sobretudo, da relação estabelecida entre o professor e o aluno, que, muitas vezes, está pautada num processo de submissão, incorporando códigos e valores que naturalizam e norteiam as relações do mundo esportivo adulto (REZER, 2006). Nessa perspectiva,

As figuras do treinador, do capitão de equipe, enfim, de toda a hierarquia presente nestas esferas, traduz as relações desiguais de poder que são reproduzidas/internalizadas desde as idades mais tenras, pois o professor da escolinha, os colegas maiores, os mais fortes, os mais habilidosos, além da

hierarquia formalizada, trazem à tona um entendimento de como são tratadas as relações humanas nesses espaços (REZER, 2006, p. 158).

A problemática presente nesse tipo de relação está, pois, na amplitude da realidade em que estes sujeitos estão inseridos e como tais conhecimentos se aplicam na vida dos alunos. Destaca-se, nesse contexto, que o esporte não se trata de um elemento estritamente profissional, mas trata-se de uma manifestação cultural que precisa ser encarado em sua diversidade e riqueza, a fim de que se contemple um entendimento mais amplo para as relações do esporte com a escola, a sociedade, o mundo e com o próprio ser humano, como indica Rezer (2006) e Kunz (2006).

Dessa forma, a reflexão acerca do papel das escolinhas frente ao conhecimento esportivo e as relações entre os sujeitos, passa pelo entendimento de que os alunos trazem consigo experiências do mundo dos esportes que devem ser problematizadas, tematizadas e vivenciadas no decorrer das aulas, reafirmando, assim, o esporte como construção cultural. Nessa perspectiva, as escolinhas e o paradigma da iniciação esportiva estariam mais próximos das propostas educacionais da escola e dos sistemas escolares (intencionando a formação para a vida, para as relações sociais e para o mundo do trabalho) do que dos sistemas esportivos, focados apenas na produtividade técnico-instrumental (REZER, 2006).

Diante de tais apontamentos, Rezer (2006, p. 159), dialogando com Kunz (2006) e Bracht (2000, 2003), compreende e conceitua as escolinhas como escolas, que “[...] através da prática pedagógica poderia propor intervenções que tematizariam elementos da cultura do movimento, a partir do entendimento amplo do fenômeno esportivo”. Daí depreende-se que as escolinhas se tornariam espaços de interlocução entre professor e alunos, ao invés de espaços de imposição. A mediação, dessa forma, seria a ação fundamental para oportunizar a apresentação e compartilhamento dos saberes, bem como a reflexão crítica e compreensão do fenômeno esportivo como produção cultural humana.

Sendo assim,

[...] as escolinhas, a partir de um redimensionamento epistemológico, aproximando-se com proposições construídas para o campo da educação física escolar, poderiam ser interpretadas como um contexto pedagógico menos específico, percebendo o esporte como uma construção cultural dotada de sentido e significado, mas não definitivo, não único, mas sim possível de ressignificação (REZER, 2006, p. 160-161).

Redimensionar o conhecimento presente nesses ambientes de formação esportiva e repensar o modo como as relações entre sujeitos e entre saberes se realiza nesses espaços, coloca-se como uma ação fundamental, sobretudo quando se pensa na possibilidade do esporte como elemento de formação humana em seus múltiplos aspectos, destacando-se aqui a dimensão valorativa, atitudinal dos indivíduos.

Rezer (2006), sobre tal processo de ressignificação/revisão/reconstrução das questões enraizadas nos contextos de iniciação esportiva, elenca alguns elementos que precisam ser considerados diante da problematização de tal questão, a saber:

- 1) A criança precisa ser considerada como é, com suas capacidades, limitações e conhecimentos de criança, e não ser percebida como um mini-atleta e/ou mini-adulto, para que assim se possam construir ações pedagógicas compatíveis para a formação de um ser humano competente, crítico e responsável;
- 2) Os benefícios do esporte e de outras práticas culturais do movimento precisam estar apontando para o ser humano, isto é, quem precisa ser beneficiado na relação com tais manifestações são os sujeitos e não o contrário, como a atual pirâmide esportiva pressupõe;
- 3) É de fundamental importância que o espaço de descoberta, de criação, de decisão e de construção, pensando o esporte como um conhecimento constituído por diversas dimensões, seja garantido e alimentado, para permitir que os alunos ampliem seu leque de entendimento acerca do fenômeno esportivo;
- 4) O desenvolvimento dos alunos, no decorrer do processo de aprendizagem, precisa ser considerado em plenitude, isto é, reconhecer as possibilidades de cada aluno, seus avanços e limites, coloca-se como um requisito para que tais sujeitos compreendam e respeitem a diversidade existente entre eles, incentivando a construção de boas relações humanas pautadas na solidariedade e no cuidado com o outro.
- 5) A prática esportiva precisa ser problematizada, inclusive com seus mitos e chavões cimentados na cultura e no imaginário da sociedade, como a ideia de que o esporte é, somente, sinônimo de saúde, quando vimos divulgados na mídia casos e situações que atrelam a prática esportiva a situações não tão saudáveis quanto se deseja (a dor, o *doping*, as sequelas, entre outros exemplos);

- 6) Em geral, a questão do gênero, coloca-se como uma verdade estabelecida, separando meninos de meninas, quando, por sua vez, a prática esportiva e a relação de forma mista poderia ser um espaço-tempo de reflexão, de construção de boas relações e de respeito, como um exercício de cidadania, de crítica a realidade que temos, rompendo com a estrutura de dominação e de preconceitos entre sexos;
- 7) Não basta apenas pensar na promoção do esporte como experiência salvífica, como libertação dos sujeitos dos males sociais a que estão rodeados (drogas, violência, desigualdade, racismo), mas, sim, compreendê-la de forma crítica e profunda, tratando o esporte como uma produção cultural passível de ressignificação pelos atores que dele participam.
- 8) A linguagem, o diálogo e a comunicação colocam-se como ferramentas indissociáveis dessa formação esportiva que se faz reflexiva, crítica e responsável, na medida em que possibilita a construção de acordos, de rupturas com as estruturas cimentadas e que em nada potencializam a formação humana, e que contribuem para processo de emancipação e esclarecimento seja dos alunos, seja dos professores (REZER, 2006).

Diante de tais elementos reflexivos, propostos por Rezer (2006), somos imbuídos a pensar de modo específico, como tais elementos estão presentes no esporte aqui investigado. Para tanto, lançamos mãos de alguns princípios pedagógicos propostos por Freire (2003) para constituir um espaço potencial de formação não somente esportiva, mas social, humana e atitudinal dos sujeitos.

2.5 PEDAGOGIA DO FUTEBOL: POSSIBILIDADES REFLEXIVAS

Freire (2003), assim como sugere Rezer (2006), reconhece a potencialidade presente na experiência informal que a rua e demais espaços de convívio social promove aos sujeitos no que tange à esportividade e as práticas culturais do movimento. Por outro lado, Freire (2003) destaca que alguns elementos presentes na pedagogia da rua, do hábito e da irreflexão, sustentam ações por vezes excludentes, ao não considerar a diversidade, a participação e a inclusão como elementos necessários para o crescimento pessoal dos sujeitos.

Assim explica Freire (2003, p. 7):

A pedagogia da rua é muito suscetível tanto às coisas boas como às coisas ruins. Trata-se de uma pedagogia que não compensa as deficiências que se forem formando; não se trata de uma pedagogia dirigida necessariamente à formação de consciências.

Apesar das limitações presentes na pedagogia da rua, como sugere Freire (2003), ela não deve ser descartada como elemento de formação, sobretudo pelo fato de que, ensinar crianças e adolescentes um esporte ou uma prática cultural do movimento, pede que se leve em consideração também a cultura popular presente e que se relacione com o tema em questão. A questão posta no debate proposto por Freire (2003) caminha para o equilíbrio das propostas de valorização e utilização desse saber advindo das experiências informações e àqueles produzidos nas práticas sistematizadas, acadêmicas, científicas e técnicas do alto rendimento, tendo em vista que

[...] não é porque essa pedagogia [a da rua] está carregada de virtudes que a escola de futebol deve ser simplesmente uma repetição do que se faz na rua. Por outro lado, não é porque ela tem defeitos que a escola de futebol deve ignorar a competência com que a rua ensina as crianças (FREIRE, 2003, p. 7).

Tomando como “pano de fundo” tal reflexão, Freire (2003) destaca quatro princípios norteadores que, resguardadas suas diferenças, dialogam com as propostas de Rezer (2006), e colocam-se como elementos fundamentais para uma prática pedagógica de futebol que pense a formação do sujeito para além de um mini-atleta, mas como um cidadão em aprendizagem, a saber: 1) ensinar futebol a todos; 2) ensinar bem futebol a todos; 3) ensinar mais que futebol a todos; e 4) ensinar a gostar do esporte.

Tais princípios revelam-se como desafios presentes no contexto do ensino e da aprendizagem esportiva, sobretudo por colocar em destaque alguns dados que geralmente são desconsiderados no processo de iniciação esportiva tradicionalmente instituída: quando se pensa que todos os sujeitos têm direito de experimentar e participar da aprendizagem do futebol, ou de que qualquer outro esporte e prática cultural do movimento, Freire (2003) critica a ideia de que determinadas pessoas, que não foram agraciadas pelos traços genéticos apropriados para determinada ação/atividade, não podem experimentar e se desenvolver nessa ação/atividade.

Ora, é fato que os fatores genéticos contribuem para uma facilidade de aprendizagem em alguns aspectos, diferenciando um sujeito do outro pelo tempo que leva para apropriar-se de algum saber ou habilidade, no entanto tal questão não deve ser vista

como um elemento impeditivo para uns em detrimento de outros. Destacar a possibilidade de todos aprenderem futebol, como indica Freire (2003) é um passo para uma formação esportiva pautada num outro horizonte de significação que não o da técnica e do alto rendimento: uma formação esportiva que tenha como pilar a inclusão, o respeito e a formação para a vida antes que qualquer outro direcionamento.

Ramifica-se desse primeiro princípio a ideia de que é preciso não somente ensinar, mas ensinar bem. A questão posta nesse princípio é justamente a paciência de quem ensina e o cuidado exigido para que as habilidades e os conhecimentos sejam apresentados da melhor forma possível para todos alcancem a qualidade desejada nas ações pontuadas.

Estando, pois, o aluno inserido num ambiente em que se ensina, e se ensina bem, sua aprendizagem não está limitada apenas a saberes específicos de uma prática esportiva. Por isso, ultrapassa-se o nível mecânico de técnicas particulares, para um olhar mais abrangente e reflexivo que permite aos sujeitos em processo formativo de vislumbrar outras possibilidades para o conhecimento adquirido.

Freire (2003) considera que o ensinar futebol pode incluir muito mais que técnicas e conteúdos próprios dessa modalidade esportiva. O sujeito, nessa perspectiva,

[...] poderá estar aprendendo a conviver em grupos, a construir regras, a discutir e até a discordar dessas regras, a muda-las, com rica contribuição para seu desenvolvimento moral e social. Deve fazer parte da pedagogia do esporte conversar sobre os acontecimentos da aula, colocar o aluno em situações desafiadoras, estimulá-lo a criar suas próprias soluções e a falar sobre elas, levando-o a compreender suas ações. São coisas que contribuem para o desenvolvimento da inteligência do aluno (FREIRE, 2003, p. 9).

A proposta descrita é uma ruptura com a forma de educação esportiva que tem interesse apenas na formação de “craques”, de atletas bem quistos e com alto valor de mercado. Trata-se do desejo de se formar homens e mulheres aptos para travarem os desafios do cotidiano, de refletirem suas necessidades, de buscarem soluções para seus problemas, de exercer com dignidade sua cidadania, de fazer valer sua condição humana.

Aliado a esses princípios, ensinar a gostar de esporte também coloca-se como um desafio na medida em que exige do professor, do educador, uma postura diferenciada de planejamento e execução: levar às crianças a experimentar um exaustivo treinamento que ao invés de lhe causar prazer, cause fadiga, medo e desânimo, não promove o gosto pelo esporte, mas a repulsa. Uma pedagogia do futebol, por exemplo,

que leve em consideração o espaço-tempo para brincadeiras, para a diversão, para relações de atenção e carinho, para liberdade e comunicação, tendem a ser mais prazerosa e, como conclui Freire (2003, p. 10), “[...] a gente costuma gostar mais daquilo que nos dá prazer que daquilo que nos causa sofrimento”.

Na intenção de materializar tais princípios, Freire (2003) descreve algumas normas de conduta pedagógica que, quando adotadas, tornam o ambiente de aprendizagem mais satisfatório. Sintetizamos, aqui, essas condutas, em cinco pontos: formação do professor; planejamento e avaliação; formação atitudinal; comunicação; e inclusão.

Primeiramente Freire (2003) chama a atenção para a formação do profissional que lida diretamente com o ensino das práticas esportivas, no caso em específico, de futebol, justamente para haja competência técnica, conhecimento didático-pedagógico e capacidade de planejamento e avaliação, além de se considerar todo saber acumulado social e historicamente no âmbito da Educação Física e da Pedagogia.

Aliado a tais requisitos, a importância do planejamento e da avaliação são colocadas em evidência sob diferentes perspectivas: planejar a ação pedagógica proposta precisa ser rotina, assim como a prática avaliativa das atividades realizadas e da aprendizagem dos alunos. O professor precisa estar próximo aos educandos observando, orientando, acompanhando e promovendo a aprendizagem, constituindo momentos para ensinar aquilo que alguns alunos não aprenderam, retomar algo que eles sintam maior dificuldade, bem como para criar espaços diversificados para a ludicidade e a interação.

Freire (2003) também destaca a importância de se garantir a reflexão e a formação atitudinal para a boa relação entre os sujeitos. Isso significa que, diante de atitudes ofensivas, por exemplo, a conversa deve servir para desvelar a problemática da falta de respeito, da violência, da discordância, sendo o professor um mediador e administrador das regras construídas e acordadas pelos alunos.

A comunicação é outra conduta fundamental que precisa estar presente de forma essencial no processo de ensino e aprendizagem. Assim como o professor precisa ser ouvido, o aluno também deve ser visto como portador de conhecimento, de anseios, dúvidas e sugestão. O aluno também é capaz de avaliar suas experiências e tecer observações que auxiliam na prática esportiva. Garantir, portanto, momentos

que o diálogo aconteça é fundamental: conversas rápidas no início e no fim das aulas; criar estratégias de sinalização para chamar atenção dos alunos em certas ocasiões; parar determinada atividade para avaliar as ações e resultados; sentar em círculo com os alunos para garantir o contato visual e ideia de comunidade que dialoga; entre outras ações (FREIRE, 2003).

Por fim, a inclusão dos sujeitos em sua diversidade deve ser garantida, experimentada e efetivada, a fim de que se produza uma relação humana diversificada, pautada no respeito, no cuidado, na solidariedade, na interação e na paz, tendo como eixo motivador a prática esportiva.

Ora, esses elementos pedagógicos básicos, constituem um rico arcabouço que congrega num tipo de formação esportiva diferenciada: não é só o esporte que se coloca em evidência, é a vida humana em suas múltiplas construções culturais, inclusive àquelas que dizem respeito ao movimento. Pensar as escolinhas de futebol, os espaços de iniciação esportiva, entre outros ambientes formativos permeados pelos desafios apresentados, pelas condutas refletidas, pelas possibilidades de atuação destacadas é pensar outra forma de ensinar bem o esporte, o movimento, a humanidade.

3 METODOLOGIA

Tendo estabelecido os elementos teóricos direcionadores do processo investigativo, buscamos referenciais metodológicos para a execução desta investigação, com o intuito de compreender e caracterizar o trabalho realizado pelos profissionais que atuam em um espaço de iniciação esportiva do tipo “escolinha de futebol”, refletindo, com base na visão de professores e pais das crianças e adolescentes que frequentam esse espaço, acerca de seus impactos sobre o desenvolvimento corporal/motor e social desses sujeitos.

Primeiramente é válido destacar que esta pesquisa se caracteriza por uma abordagem qualitativa, ou seja, num conjunto de técnicas diversas que objetivam interpretar, descrever e decodificar a multiplicidades de significados e sentidos que compõe a realidade investigada (NEVES, 1996).

Segundo Lüdke e André (2013) a abordagem qualitativa da pesquisa apresenta como características básicas: a) a identificação do ambiente natural (campo investigativo) como fonte direta de dados coletados pelo pesquisador (instrumento, por excelência, desse contato com o fenômeno estudo); b) o aspecto descritivo dos dados coletados, seja de pessoas, seja de situações, seja de acontecimentos, advindos de entrevistas, transcrições de áudio, fotografias, desenhos, entre outros; c) o destaque e interesse mais evidente das pesquisas qualitativas está, muito mais, no processo que no produto; d) o interesse em capturar dos participantes da pesquisa, sua perspectiva de entendimento, isto é, sua maneira de encarar as questões que estão em investigação; e) a análise dos dados aponta para um caminho indutivo, ou seja, o foco não se localiza na preocupação de comprovar hipóteses já definidas, mas, a partir das experiências, formar e consolidar as compreensões dos fatos e fenômenos.

Para além da abordagem qualitativa, esta pesquisa apresenta-se sob o caráter exploratório e descritivo.

De acordo com a literatura, a pesquisa exploratória normalmente ocorre para ampliar o conhecimento sobre a temática a ser investigada, buscando-se conhecer com mais afinco o assunto, de modo a torná-lo mais claro, construindo direcionamentos importantes para a condução da pesquisa (ANDRADE, 2002). Ainda sobre esse tipo de pesquisa, Andrade (2002) ressalta que a pesquisa exploratória possui algumas finalidades primordiais, a saber: proporcionar maiores informações sobre o assunto

que se vai investigar; facilitar a delimitação do tema da pesquisa; orientar a fixação dos objetivos e a formulação de hipóteses; ou descobrir um novo tipo de enfoque sobre o assunto.

Por sua vez, a pesquisa descritiva, segundo Andrade (2002) tem como principal objetivo descrever características de determinada população ou fenômeno, ou estabelecimento das relações entre as variáveis.

Para a realização desse estudo, foi realizado inicialmente o levantamento bibliográfico acerca do assunto, buscando em pesquisas acadêmicas e referências da Educação Física, conceitos que nos auxiliassem a compreensão das contribuições de espaços-tempos de iniciação esportiva para a formação do sujeito de modo amplo, como buscamos apresentar no capítulo anterior.

Realizado o levantamento bibliográfico, partiu-se para o mapeamento do ambiente extra-educacional caracterizado como de iniciação esportiva, ou seja, uma “escolinha de futebol”, localizada no município de Cariacica-ES, com seu espaço e seus sujeitos.

Mediante tais definições, destaca-se que escolhemos como instrumentos de coletas de dados: o registro em diário de campo; entrevistas semiestruturadas com os professores e/ou profissionais investigados, bem como com alguns pais e alunos da “escolinha de futebol” selecionada; e registros em fotos, devidamente autorizada pelos responsáveis dos alunos investigados e dos demais sujeitos participantes.

Para análise desses dados coletados recorreremos à técnica de análise de conteúdo proposta por Franco (2008) com o intuito de organizar, classificar e agrupar os elementos registrados em categorias criadas tanto anteriormente, como foco de observação, como surgidas posteriormente, emergindo “[...] da fala, do discurso, do conteúdo das respostas e implicam constante ida e volta do material de análise à teoria” (FRANCO, 2008, p. 53).

Os sujeitos da pesquisa foram convidados a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e autorização do uso de imagem, demonstrando ciência da sua participação na pesquisa. Já os menores, foram representados e autorizados pelos seus respectivos responsáveis, no referido documento.

A execução da pesquisa perdurou um mês, no qual se realizou a observação do espaço, destacando suas características, propostas pedagógicas esportivas, público atendido e envolvido, estrutura física e material, entre outros elementos, bem como

se promoveu o contato com sujeitos para distribuição e coleta de questionários com alunos e responsáveis – apêndices A e B, respectivamente - e da realização de entrevista semiestruturada com professor – apêndice C – na intenção de permitir que os participantes da investigação pudessem se expressar, minimamente, quanto à potencialidade formativa do espaço em questão, seja na perspectiva esportiva, seja na perspectiva cidadã.

Por meio desses elementos constituintes de um contexto em estudo, direcionamos interpretações reflexivas fundamentadas nas observações e respostas dos sujeitos que foram atravessados por esta investigação, bem como pelo contato com o próprio ambiente em suas potencialidades e limitações.

.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO DA PESQUISA

Para bem descrever e compreender o contexto investigativo, em suas singularidades, faz-se importante delimitar alguns direcionamentos interpretativos na medida em que buscamos desvelar as condições, as possibilidades e as limitações do ambiente material, formativo e das relações humanas realizadas/vivenciadas num determinado espaço investigado. Nessa perspectiva, a apresentação da experiência investigativa presente, com seus dados e análises em discussão, organizasse em categorias interpretativas, tendo as considerações de Franco (2008) por base, da seguinte forma: o espaço-tempo escolhido; os sujeitos atravessados;

4.1 ESPAÇO-TEMPO: A ESCOLINHA DE FUTEBOL

Essa pesquisa configurou-se em uma “escolinha de futebol” no município de Cariacica-ES. Tal escolinha de futebol localiza-se no bairro São Conrado, e foi fundada ano 2002, por um ex-atleta de futebol amador, com intuito de levar o esporte, bem como criar um espaço de lazer e promoção de saúde para as crianças da região, já que não existia nenhuma ação ou atividade com esse objetivo nos bairros adjacentes.

A referida escolinha de futebol não tem qualquer apoio de órgãos públicos como a Prefeitura Municipal de Cariacica e/ou a Secretaria Municipal de Esporte e Lazer, e, desde sua fundação, consiste numa iniciativa e configuração privada, ainda que sob um valor de mensalidade simbólico e acessível para a classe baixa e média, que é o foco principal da instituição.

O ex-atleta de futebol amador que direcionou a fundação da escolinha de futebol, ainda que não tivesse formação acadêmica, apoiou-se nos conhecimentos adquiridos na prática como jogador amador, como massagista do clube que dá nome à escolinha, bem como auxiliar técnico de outra escolinha de futebol do município.

É interessante destacar que a fundação da escolinha de futebol não se deu de modo simples, tendo em vista que alguns componentes da diretoria do clube da 2ª divisão do campeonato capixaba, na época mostraram-se contra a instalação de um projeto como este com receio de danificar o gramado e a estrutura do campo.

Contrariando as expectativas receosas de alguns dirigentes, a criação da escolinha de futebol em questão colocou-se como um marco importante para o clube e para o bairro, haja vista a grande participação da mesma em campeonatos e eventos dos quais tiveram expressivo resultado, inclusive vencendo alguns deles.

No que tange ao espaço de atuação da escolinha de futebol pesquisada, vale destacar que a estrutura física do local onde acontecem as aulas/os treinos encontra-se bem conservada, contando com campo gramado, alambrado, banheiros, vestiários e lanchonete, além de um acervo contendo vários materiais didáticos, como bolas, cones, pratinhos, passadores, trave móvel e barreira (Figura 1).

Figura 1 - Estrutura física



Fonte: Acervo do autor (2017).

A escolinha de futebol atende a crianças e adolescentes entre 6 e 16 anos, devendo estar devidamente matriculadas em Unidades de Ensino regular, seja pública ou privada, devidamente comprovada. No ano de 2017, conta-se um total de 60 crianças/adolescentes matriculados.

As aulas acontecem em dias de segundas e quartas-feiras pela manhã (8h às 10h), terças e quintas-feiras pela tarde (14h às 16h). Aos sábados são realizados torneios, coletivos e participações e campeonatos.

Como profissionais responsáveis, a escolinha conta com dois professores graduados em Educação Física, um aluno do referido curso, além do fundador que atua de forma

intermediária, auxiliando no trabalho com os alunos e na relação com os pais/responsáveis.

Registra-se a boa relação dos profissionais que atuam na escolinha de futebol com os pais/responsáveis pelos alunos, sempre deixando aberto o canal de diálogo e o convite para acompanhar os treinos/aulas e os torneios motivando os alunos e observando o trabalho desenvolvido.

Como objetivo principal do trabalho desenvolvido pela escolinha de futebol pesquisada destaca-se a promoção da aprendizagem do esporte, técnica e táticas, ligadas diretamente ao aspecto de cooperação entre os alunos, sendo uma forma tanto de lazer, como uma forma de aprendizado para o mundo também.

Figura 2 - Realização de atividade



Fonte: Acervo do autor (2017).

Por fim, dentre as dificuldades encontradas para o trabalho desenvolvido pela escolinha de futebol, destaca-se a competitividade exacerbada como um elemento agravante que precisa de intervenções focadas nos valores.

4.2 OS SUJEITOS: ALUNOS, RESPONSÁVEIS E PROFESSOR

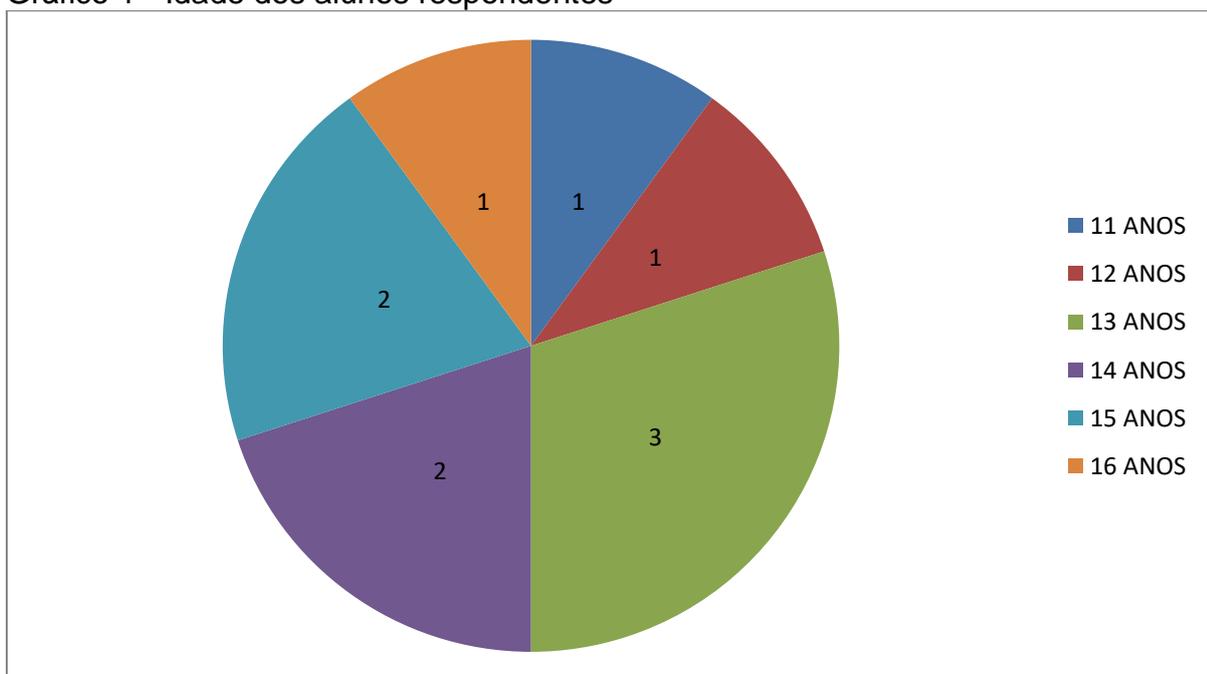
Com intuito de ouvir os sujeitos atravessados por essa investigação, propomo-nos, por meio de questionários e entrevistas e/o, dar voz aos sujeitos buscando

informações acerca das compreensões, perspectivas e anseios que tais indivíduos têm a respeito do trabalho e dos objetivos da escolinha de futebol pesquisada.

Destacamos e agrupamos os sujeitos em três categorias diferenciadas, a saber: alunos, pais/responsáveis e professor.

No que tange os alunos, registra-se que responderam um total de dez crianças/adolescentes representando um total de aproximadamente 17% do público atendido, pela escolinha de futebol no ano de 2017. A caracterização desses sujeitos se deu da seguinte forma:

Gráfico 1 - Idade dos alunos respondentes



Fonte: Elaboração própria (2017).

O quantitativo de alunos que responderam o questionário representa, inclusive, a disposição dessas crianças/adolescentes matriculadas para a participação das atividades da escolinha de futebol, pois em sua maioria trata-se de jovens com mais de 12 anos, ainda que haja um número representável de crianças com menos de 11 anos que não foram contadas no gráfico, pois não houve devolutiva dos questionários apesar do prazo estendido (15 dias).

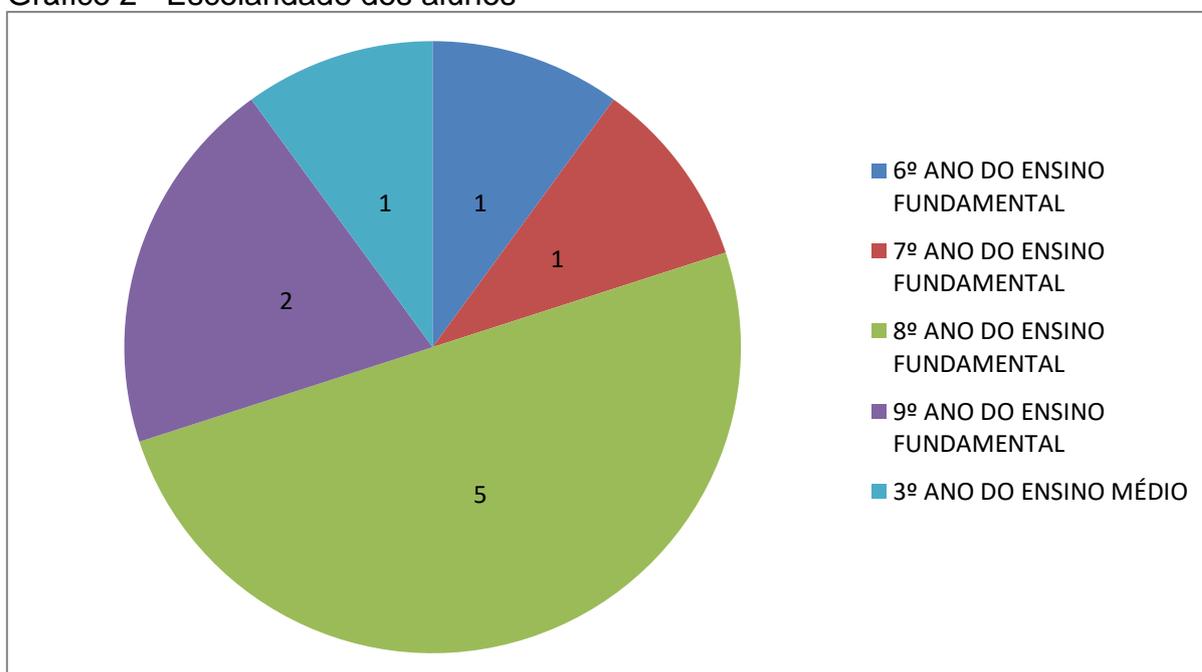
Além disso, faz-se necessário pontuar que todos esses alunos são do sexo masculino, apesar da escolinha de futebol não impedir o ingresso de meninas, representando assim a problemática acerca do gênero da modalidade esportiva de futebol que,

apesar dos avanços destacáveis, sobretudo pela atuação da seleção olímpica brasileira de futebol feminino, ainda se faz um esporte predominantemente masculino.

A questão do gênero, como explica Rezer (2006), coloca-se como mais um elemento potencializador de reflexão dentro de um ambiente formativo como a escolinha de futebol, na medida em que permite a observação das relações sexistas existentes na sociedade, expandida no esporte, bem como tornam tais ambientes espaços-tempos de reflexão, de construção de boas relações e de respeito ao romper com a estrutura de dominação e preconceito entre os sexos.

Desse total de respondente, é importante registrar que todos estão em idade escolar e encontram-se matriculados em Unidade de Ensino, particulares e privados regulares, como requisito para a permanência na escolinha de futebol pesquisada. Tais alunos estão distribuídos da seguinte forma:

Gráfico 2 - Escolaridade dos alunos



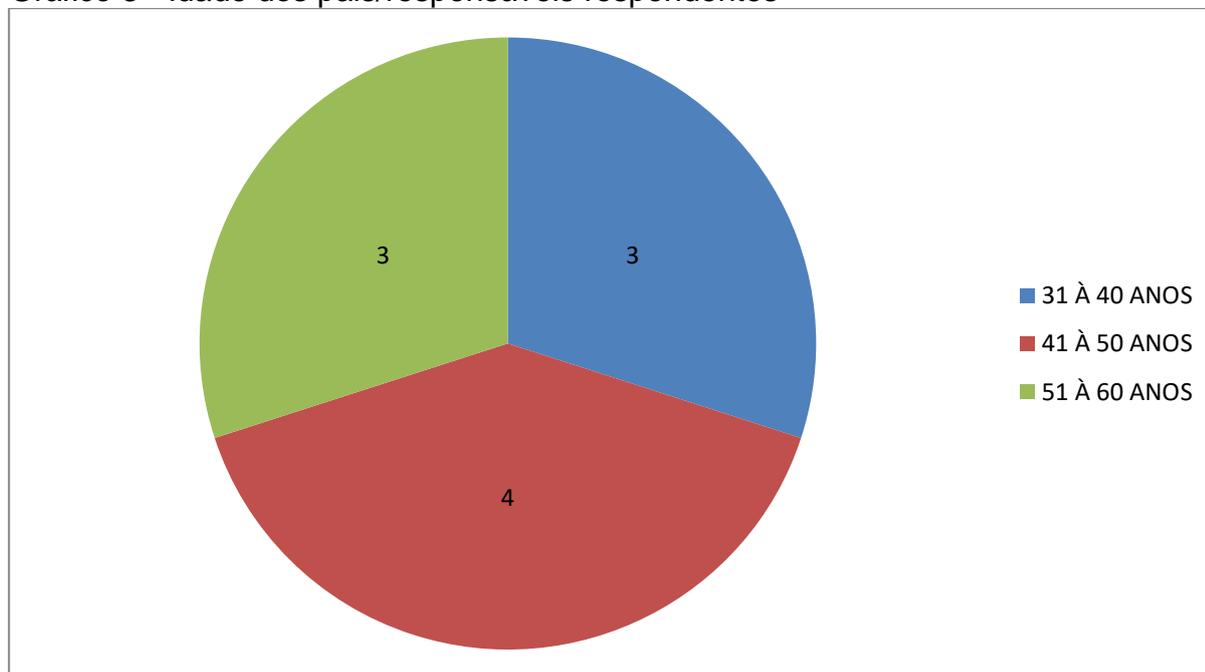
Fonte: Elaboração própria (2017).

É importante dizer que uma das ações constantes da escolinha de futebol investigada é o acompanhamento, ainda que de forma dialogal e por meio do contato com os responsáveis, da vida escolar dos alunos, tendo em vista a valorização dos estudos como uma meta assumida pelos professores responsáveis pelas atividades pedagógicas ali desenvolvidas. Um exemplo disso é a exigência de declaração escolar para a inscrição das crianças/adolescentes em competições esportivas, bem

como no próprio ato da matrícula, cuja emissão é condicionada ao desempenho pedagógico do aluno na escola.

No que tange aos pais/responsáveis, tem-se a seguinte caracterização:

Gráfico 3 - Idade dos pais/responsáveis respondentes



Fonte: Elaboração própria (2017).

Assim como o quantitativo de alunos que fizeram a devolutiva dos questionários (10), também foi o total de pais/responsáveis respondentes. Tais sujeitos, diferente do que aconteceu na abordagem sobre o gênero são representados por oito do sexo masculino e dois do sexo feminino.

Por sua vez o professor entrevistado e responsável pela escolinha de futebol é formado pela Universidade Federal do Espírito Santo em licenciatura plena em Educação Física (bacharelado e licenciatura), no ano de 1999. Além disso, o professor de 40 anos e do sexo masculino também possui pós-graduação lato sensu em Treinamento Desportivo e em Personal Trainer.

4.3 O QUE OS ALUNOS PENSAM

O questionário disponibilizado aos alunos coloca-se com foco em três perspectivas fundamentais: as atividades desenvolvidas na escolinha de futebol; a presença do diálogo e; a relação esporte-cidadania.

4.3.1 Atividade desenvolvida na escolinha de futebol

Ao questionar os alunos sobre as ações pedagógicas/esportivas realizadas na escolinha de futebol durante os treinamentos, destacando aquilo que as crianças/adolescentes mais gostam observou-se a presença dos seguintes itens:

Quadro 1 - Atividades destacadas pelos alunos

ATIVIDADE DESTACADA	INCIDÊNCIA NAS RESPOSTAS ¹
Treinamento Coletivo	7
Técnica de Finalização	6
Treino Físico	4
Toque de bola	4
Treino Tático	3
Técnica de Cruzamento	2
Técnica de Lançamento	2
Treino de Posicionamento	2
Corrida	1
Treino de domínio de bola	1

Fonte: Elaboração própria (2017).

As respostas dos alunos indicam a variedade de ações desenvolvidas na escolinha de futebol e que mais chamam a atenção seja pelo prazer de executá-la, seja pela potencialidade formativa, tais respostas coadunam com um entendimento de Freire (2003), acerca dos princípios pedagógicos que norteiam o trabalho numa Pedagogia do Futebol, pois ao mesmo tempo em que se ensina futebol é possível ensinar mais do que isso, como por exemplo, o gosto pela prática esportiva e como tais atividades podem desenvolver uma variedade de habilidades motoras e sociais.

Freire (2003), ao analisar os fundamentos do futebol destaca algumas habilidades específicas dessa modalidade esportiva e elenca uma série de sugestões pedagógicas para o ensino de ações como finalização, passe, controle de bola, condução, desarme, drible, lançamento, cruzamento, cabeceio e defesa. Em cada uma delas o autor faz uma breve descrição da finalidade da mesma, bem como sua definição e utilidade na prática do futebol que não precisam ser desenvolvidas apenas na execução literal do esporte em questão, mas que, através de atividades diferenciadas como jogos, brincadeiras, treinos diversos, podem permitir a

¹ O questionário permitia que os alunos respondessem mais de uma atividade, o que possibilitou pontuarmos uma diversidade de elementos destacados pelos alunos e por isso os quantitativos, ao serem somados ultrapassam a amostra de sujeitos.

aprendizagem dessas habilidades específicas que, posteriormente, sejam aplicadas na partida de futebol.

Os alunos, em geral não pontuaram a ausência de nenhum elemento ou pratica que estivesse ausente na rotina pedagógica e de treinamento, exceto pela indicação de um treino coletivo que utilize o campo inteiro pois geralmente o trabalho coletivo é realizado em meio campo de forma a atender e acompanhar melhor os alunos, fazendo intervenção quando necessárias, bem como para garante a segurança e integridade física das crianças/adolescentes haja vista que elas são divididas em grupos conforme a faixa etária.

4.3.2 A presença do diálogo

Rezer (2006), ao dialogar com Kunz (2006) e Bracht (2000;2003), destaca a linguagem, o diálogo e a comunicação como ferramentas imprescindíveis para a formação esportiva, assim como para qualquer outro processo formativo/educacional.

Testemunhar a abertura aos outros, a disponibilidade curiosa à vida, a seus desafios são saberes necessários à prática educativa. Viver a abertura respeitosa aos outros e, de quando em vez, de acordo com o momento, tomar a própria prática de abertura ao outro como objeto de reflexão crítica deveria fazer parte da aventura docente. A razão ética da *abertura*, seu fundamento critico sua referência pedagogia; a boniteza que há nela como viabilidade do diálogo [...] (FREIRE, 2013, p.132-133, grifo do autor).

É por meio do diálogo que o sujeito se abre ao mundo e confirma sua inquietação e curiosidade perante a constatação de que ele é um sujeito incompleto e que se constrói, permanentemente no movimento da história (FREIRE 2013). Essa compreensão é que alimenta toda prática educativa que valoriza o saber dos alunos e a realidade na qual ele está inserido.

A escolinha de futebol investigada, como confirmam os alunos respondentes, possui momentos de diálogo e reflexão garantidos em sua rotina de atividades, sendo aproveitada para discutir diversas questões, como segue na pergunta do questionário:

1. Existem momento de conversa? O que é conversado? O que você pensa sobre elas?

ALUNO A

R: Sim, sobre com os jogos e bons conselhos são dados para o desenvolvimento.

ALUNO B

R: Sim, é conversado muito sobre as amizades. Eu penso que devemos escolher melhor as nossas amizades porque aquele que fala que é seu amigo te leva para o mal caminho.

ALUNO C

R: Sim, sobre os jogos treinamento, respeitar e fazer o que o professor pede.

ALUNO D

R: Sim, conversas relacionadas ao desempenho dos atletas na escola, assuntos relacionado a escolinha e relação familiar. Penso que é um modo da escolinha interagir com os alunos sobre o que se passa.

ALUNO E

R: Sim, sobre futebol. Bem, o que nós conversamos claro que eu acho bem necessário, para melhorar o meu futebol (desenvolvimento na pratica esportiva).

ALUNO F

R: Sim, conversa sobre os jogos, conselhos que uma pessoa adulta pode falar para um adolescente.

ALUNO G

R: Sim, fala sobre o campeonato, dos jogos, sobre não andar com companhias ruins, dando exemplo de coisas boas e etc.

ALUNO H

R: Sim, para não andar com pessoas erradas, vim sempre ao treino, sempre dá bons conselhos.

ALUNO I

R: Sim, muitos conselhos sobre seguir o caminho do bem e não do mal evitar companhias ruins, conselhos para um possível jogador de futebol.

ALUNO J

R: Sim, se empenhar nos nossos objetivos, respeitando sempre o próximo “como o adversário.

As respostas dadas pelos alunos, resguardadas suas diferenças apontam principalmente para a compreensão da potencialidade pedagógica do diálogo do processo educacional, principalmente nos aspectos valorativos/atitudinais.

4.3.3 A relação esporte-cidadania

Sobre a interação esporte-cidadania, primeiramente buscou-se sublinhar qual o entendimento dos alunos tem acerca do conceito de cidadania. Dos dez alunos respondentes, apenas três disseram não saber o que tal palavra significa, enquanto os demais arriscaram alguma conceituação:

2. Você sabe o que é cidadania?

ALUNO A

R: Cidadania de direitos e deveres exercidos por um indivíduo que vive em sociedade.

ALUNO B

R: Sim.

ALUNO C

R: Não sei.

ALUNO D

R: Cidadania é um direito do cidadão ter os direitos iguais.

ALUNO E

R: cidadania de direitos e deveres exercidos por um indivíduo que vive em sociedade.

ALUNO F

R: cidadania é ter atitudes que promova ações para o bem comum. Exemplo: ajudar um idoso a atravessar a rua, não jogar lixo na rua e etc...

ALUNO G

R: Não.

ALUNO H

R: Uma pessoa direita, honesta, e que vive de acordo com um conjunto.

ALUNO I

R: Não.

ALUNO J

R: Eu acho que cidadania é igualdade, e ter condições e deveres.

As definições dadas pelos alunos resguardadas suas diferenças impactam diretamente na relação que fazem com as práticas formativas realizadas na escolinha de futebol e com a vida em sociedade, na medida em que ambas se relacionam no interior desses sujeitos e no esforço do docente em apresentar explicações acerca das relações sociais, os problemas e perigos existentes na sociedade e os desafios contemporâneo no âmbito dos estudos, do trabalho, e no respeito à diferença.

Nessa perspectiva, todos os alunos respondentes compreendem que existe uma contribuição da escolinha de futebol para a formação cidadã dos mesmos e exemplificam tal interação destacando: a disciplina; o respeito aos outros; no respeito a ordem; no desenvolvimento escola; no trabalho em equipe; na inclusão social; na dignidade; no desenvolvimento social e; nas aprendizagens atitudinais e valorativa que permitem o julgamento do que é certo ou errado, bem como para evitar nas escolhas.

A relação aqui apresentada permite-nos compreender a potencial abrangência da Educação Física, como campo de atuação que, nas práticas esportivas específicas de um ambiente de “iniciação”, amplia sua ação educativa, deixando de restringir-se apenas ao corpo enquanto instrumento para o movimento e assumindo os elementos históricos e sociais advindos da cultura para provocar a reflexão acerca do mundo e da convivência humana (FREIRE, 2009).

4.4 O QUE OS PAIS/RESPONSÁVEIS PENSAM

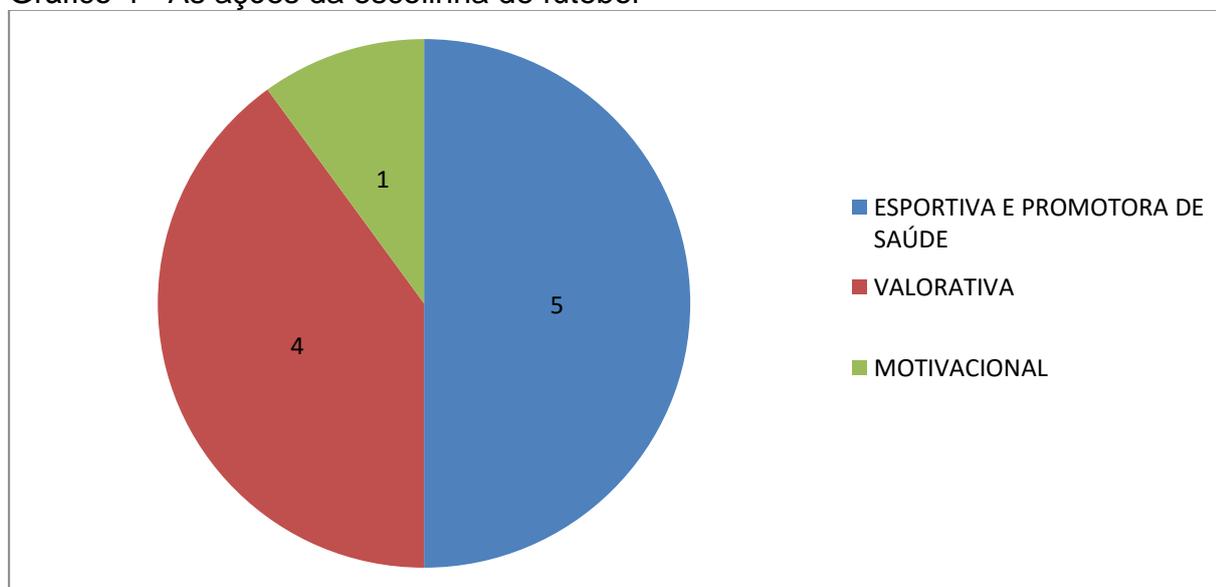
O questionário disponibilizado aos pais/responsáveis coloca-se com foco em quatro perspectivas fundamentais: as ações da escolinha de futebol; a avaliação dos trabalhos; a relação esporte-cidadania e; as expectativas.

4.4.1 As ações da escolinha de futebol

Quando questionados sobre a compreensão das ações realizada pela escolinha de futebol com os alunos, os pais apresentam diversas explicações que podemos sintetizar em três tópicos fundamentais: objetivo esportivo e de promoção à saúde (como explica o responsável G ao dizer “[...] ajuda o aluno no rendimento do dia-a-dia, até mesmo se tornar um profissional” ou ainda o responsável J “atividade física, pois sendo dois dias na semana, compreendo que é pouco tempo para se prepararem”); objetivo valorativo (como explica o responsável B ao dizer “disciplina, respeito para com os outros, educar para o esporte”); e objetivo motivacional (como explica o responsável E ao dizer “[...] ocupam mais o tempo dos alunos [...] dando oportunidade ao filho, faz com que tenha motivação”).

Tais agrupamentos podem ser melhor representados pelo gráfico a seguir:

Gráfico 4 - As ações da escolinha de futebol



Fonte: Elaboração própria (2017).

Essa compreensão acerca do trabalho realizado pela escolinha de futebol, coadunam em parte com a proposta de Rezer (2006) no que tange a ressignificação epistemológica desses espaços de formação na medida em que chama a atenção para a forma como os sujeitos são tratados e qual conhecimento é abordado nas práticas pedagógicas esportivas. Dessa forma para além da formação de um atleta a escolinha de futebol assume a tarefa de formar cidadãos, provocar a compreensão da cultura corporal de movimento, proporcionar esporte e lazer, ocupar o tempo da criança, criar espaços de interação, entre outros.

4.4.2 A avaliação dos trabalhos

No que tange a avaliação do trabalho realizado na escolinha de futebol enquanto espaço de iniciação/desenvolvimento esportivo os pais/ responsáveis, em geral, tecem falas positivas, sobretudo acerca da qualidade e no interesse ao esporte visando a profissionalização. Porém os pais/responsáveis também avaliam questões estruturais e de manutenção do espaço físico onde se encontra instalada a escolinha de futebol, destacando a necessidade de reforma em vestiários e banheiros e elogiando o cuidado com o gramado.

Quanto ao trabalho de iniciação/desenvolvimento social e valorativo/atitude, as respostas caminham na direção entre esporte e cidadania, por exemplo:

3. De que forma vocês avaliam o trabalho enquanto espaço de iniciação/desenvolvimento social e valorativo/atitude?

RESPONSÁVEL A

R: Para um desenvolvimento melhor para o jogador, é preciso pedir mais do jogador com o boletim escolar de cada um deles a cada semestre e dar uma punição para aqueles que estiverem com as notas baixas.

RESPONSÁVEL E

R: O jovem é entendido como um período de grande importância para o desenvolvimento social do jovem. Uma estratégia para melhor desenvolver essa fase é através dos esportes, mas precisa muito do apoio dos treinadores (professores) e disciplina. Respeito, isso faz a diferença junto com o apoio dos pais também.

RESPONSÁVEL F

R: Avalio que a inclusão de valores esportivos e disciplinares, faz bem a qualquer cidadão. Disciplina, respeito e comprometimento é a base do futebol, vejo isso nessa escolinha de futebol.

As avaliações dos pais/responsáveis destacam a potencialidade do trabalho voltado para os aspectos atitudinais assim como para garantir através de estímulos e punições um bom desempenho escolar.

4.4.3 A relação esporte-cidadania

Assim como ocorrem no questionário dos alunos todos os pais/responsáveis consideram a possibilidade de relação entre as práticas esportivas e a formação para a cidadania, justificando tal aceno positivo de forma diferenciada, por exemplo:

4. Você acha que a escolinha contribui para a formação cidadã de seu filho?

RESPONSÁVEL E

R: Muitos a partir dos coordenadores e professores da disciplina aos seus atletas e façam respeitar, isso ajuda os pais que acreditam na direção da escolinha.

RESPONSÁVEL H

R: Principalmente no quesito disciplina e respeito ao próximo.

RESPONSÁVEL I

R: Ele aprende sempre a trabalhar em equipe, sempre respeitando os adultos.

RESPONSÁVEL J

R: A escolinha contribui com a educação, sempre dando conselhos bons para os alunos não se misturarem com drogas e más companhias, sempre mostrando a importância dos estudos e respeitar seus colegas.

Reitera-se, dessa forma, a compreensão acerca da abrangência possível de um trabalho em Educação Física que ultrapassa o limite do esporte pelo esporte, como fim em si mesmo, pontuando as potencialidades de inserir a formação atitudinal como parte integrante dos conhecimentos e práticas concernentes a área.

4.4.4 As expectativas

Por fim, perguntado sobre as expectativas pessoais acerca da escolinha de futebol e suas contribuições na formação dos alunos, observa-se focos diferentes, mas que convergem para um olhar que considere a educação para a vida em sociedade como algo intrínseco a ação realizada nesse espaço de “iniciação esportiva”. Destaca-se, como representativo da amostra de respondentes, a contribuição do responsável E:

Formar um cidadão de caráter, um bom atleta e um bom amigo, que saiba que dentro de campo e fora de campo tem que ter respeito não somente no futebol. Mas com respeito a isso faz com toda a direção da escolinha é bem

conhecida em torno da sociedade, quero que meu filho se espelhe cada vez mais em seu professor (QUESTINÁRIO RESPONDIDO).

A fala destacada coaduna com entendimento de Paes (2001) e de Reverdito e Scaglia (2009), ao afirmar que ao interior a pretensão de formar um atleta/campeão encontra-se o desejo de que os sujeitos sintam prazer pela prática esportiva, pelo esporte e pelo movimento, bem como, que promova o homem em sua potencialidade complexa, convocando para o diálogo formativo valores, sentimentos, saberes, anseios, entre outros.

4.5 O QUE O PROFESSOR PENSA

Com o professor responsável pela a escolinha de futebol foi realizada uma entrevista semiestruturada de onde depreendem-se três perspectivas fundamentais: as ações da escolinha de futebol; o diálogo e; a relação esporte-cidadania;

4.5.1 As ações da escolinha de futebol

O professor responsável explicita que as atividades desenvolvidas pelos/com os alunos na escolinha de futebol são, basicamente, fundamentadas na ludicidade, visando sempre o aprendizado da técnica e da tática. Práticas pedagógicas que desenvolvam as habilidades de chute, domínio, passe, cabeceio, posicionamento em campo, isto é, habilidades fundamentais do futebol são abordadas de maneira lúdica sem desprezar a técnica e a repetição para a qualificação dos movimentos e a compreensão da cultura que há por trás dessas técnicas (FREIRE, 2003)

Para tanto o professor toma como perspectiva de ensino o entendimento crítico superador ou crítico emancipatório buscando refletir os acontecimentos da aula e interagir com a realidade que os alunos trazem de sua experiência cotidiana, valorizando o conhecimento prévio e contribuindo para a ampliação e construção de novos saberes, por exemplo

[...] quando um aluno está revoltado, quando um aluno não toca a bola, o popular 'fominha', a gente para, senta e conversa, [...] porque é importante passar a bola, como na vida também, você não vive sozinho, você vive em grupo, então isso sempre é passado para os alunos, e pode ser no início da aula, durante, ou pode ser num acontecimento, uma falta, um momento mais de raiva, sempre aproveitados durante as aulas (PROFESSOR A, ENTREVISTA).

Essa abordagem é definida por Kunz (1994). Numa perspectiva didática comunicativa, na qual o aluno enquanto sujeito do processo de ensino vivencia uma capacitação a vida social, cultural e esportiva, ou seja, ao mesmo tempo em que adquire conhecimentos e habilidades funcionais, o aluno é convocado a reconhecer e problematizar os sentidos e significados presentes na realidade, refletindo-a criticamente.

Na abordagem crítico emancipatória destaca-se três competências para o trabalho com o aluno a saber: a objetiva, a social e a comunicativa. A competência objetiva trata dos conhecimentos e informações que o aluno irá receber a fim de que treine destrezas e técnicas de forma racional e eficiente, para que suas ações se realizem competentemente. No que tange a competência social o aluno passa a entender as diversas relações do homem em sociedade, sejam elas históricas, culturais e sociais, permitindo assim que ele transite da melhor forma possível em sua comunidade, por fim, a competência comunicativa trata do movimento como linguagem bem como da linguagem verbal como elemento de interação (KUNZ, 1994).

A escolha metodológica realizada pelo professor coaduna com o entendimento de que a escolinha de futebol não é simplesmente um espaço de formação para o esporte de alto-rendimento, mas também possibilita uma formação atenta a participação social e a resolução de problemas que se apresenta cotidianamente, levando a experiência do campo de futebol para a vida.

4.5.2 O diálogo

Segundo o professor A, o diálogo entre professor e aluno é constante:

[...] sempre tem um diálogo com os alunos antes dos treinos, com eles sentados, explico o que eu quero da aula, revejo alguns aspectos das aulas passadas, principalmente a questão do individualismo de alguns alunos, dou conselhos, então isso é importante também distinguir a escolinha do treinamento. A escolinha é um lugar onde todos participam e o treinamento seria uma outra parte [...] (PROFESSOR A, ENTREVISTA).

Mais uma vez o diálogo assume uma presença significativa no processo de ensino e aprendizagem, sendo agora citado pelo docente. Vale ressaltar que para além de um espaço de exposição de saber por parte de uma única pessoa, trata-se da criação de condições de debate e interação que potencializam aspectos como respeito, adversidade e a solidariedade.

4.5.3 A relação esporte-cidadania

Para o professor A formar cidadão significa formar valores. No entanto, segundo ele, infelizmente, os valores hoje em dia estão distorcidos em nossa sociedade, sendo necessário trabalhar o companheirismo, a cooperação e, em contrapartida, ensinar que a individualidade não leva a nada nem no esporte e nem na vida.

No trabalho da escolinha de futebol, o professor A afirma que são abordados diversos valores que se relacionam com o esporte como elemento cultural, a saber: a amizade, a bondade, a disciplina, o companheirismo, entre outros. Valores estes que é possível trabalhar com o esporte em si não só com o futebol.

Por fim, o professor A compreende que a construção do caráter da pessoa passa pela aprendizagem de valores, impactando diretamente nas escolhas que o indivíduo faz durante a vida.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao refletir a relação entre a Educação Física, com seus saberes, práticas e técnicas, e a atuação das escolinhas de futebol como um espaço de iniciação e desenvolvimento esportivo, colocamo-nos no contexto da interação entre a aprendizagem motora e social de crianças e adolescentes, em seus diversos aspectos, sobretudo àqueles relacionados com a reflexão que se faz dos ambientes destinados a aprendizagem de uma modalidade esportiva, mas que também assumem a árdua tarefa de apresentar e cultivar valores e atitudes que possam refletir no decorrer da vida.

Diante de uma variedade de autores, lançamo-nos a pensar a forma possível de um espaço de iniciação esportiva - “escolinha de futebol” - impactar sobre o desenvolvimento corporal, motor e social das crianças e adolescentes que o frequenta. Para tanto, buscamos o campo investigativo como um parâmetro para construção de uma guia interpretativa, que longe de ser conclusiva e marcar a verdade acerca do problema destacado, coloca-se como uma resposta frente a tantas possibilidades de investigação e interpretação, produzida a partir da interação com um ambiente em específico e seus sujeitos.

A questão referida acima, nos fez lançar olhar para as práticas e interpretações acerca de conceitos fundamentais que permeiam o olhar sobre a prática formativa, seja ela cognitiva, seja procedimental, seja atitudinal. No caso em específico, travamos um contato com um ambiente particular, uma escolinha de futebol de Cariacica-ES, alguns alunos, pais/responsáveis e um professor, que a partir de seus horizontes de significação e sentido nos auxiliaram a tecer algumas considerações acerca dessa investigação.

Primeiramente, o espaço de iniciação esportiva, para impactar o sujeito, para além dos aspectos esportivos e motores, precisa atentar-se para outros elementos em suas práticas que só são possíveis aparecerem se houver espaço para tanto. Isso significa que, os sujeitos, em sua diversidade precisam ser estimulados por práticas e discursos diferenciados a perceber a escolinha de futebol como um ambiente que motiva a expansão de valores, a construção de atitudes responsáveis, a valorização do outro em sua diversidade, o respeito à singularidade de outrem, a harmonia e a solidariedade.

Tal dado solicita uma ampliação do sentido que se dá a prática de iniciação esportiva: não é somente um possibilitar de acesso a um determinado esporte, suas técnicas e habilidades visando o alto-rendimento, mas trata-se de um movimento que passa por uma aprendizagem para vida, como caminhos dispostos a serem trilhados, conforme as escolhas e as oportunidades que surgem.

Dessa forma, a iniciação esportiva e a escolinha de futebol assumem uma nova ou outra missão: não é somente formação de atletas, mas de cidadãos que saibam refletir as nuances da sociedade, seus problemas, suas complexidades e que, por meio dos conhecimentos e habilidades adquiridos e construídos socialmente, sejam capazes de atuar responsavelmente no mundo.

Para que isso seja possível, faz-se necessário, sobretudo, que seja garantido um espaço dialógico e reflexivo que leve os alunos a fazerem associações e que discuta com eles, de maneira educada e positiva, as possibilidades que lhes são colocadas a frente, bem como as dificuldades, os perigos da vida em comunidade e tantas outras questões que contribuem para uma formação mais abrangente e cidadã.

Por fim, a questão colocada nos chama atenção para a impossibilidade, perante as atuais exigências da sociedade e dos problemas que vivenciamos, que demandam maior criticidade, além de uma postura emancipada e consciente, que consideremos uma prática esportiva, ainda que seja inicial, que se consolide na dissociação da formação esportiva e da formação humana, valorativa e atitudinal.

Se esporte é vida, é preciso que o consideremos em complexidade e cultura e não como uma dança mecânica e sem pulsação que não precisa ser refletida, apropriada e vivenciada. Se esporte é vida, é preciso tomá-lo como tal: em conhecimento, técnicas e atitudes.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, L. T. P. Iniciação esportiva na escola – aprendizagem dos esportes coletivos. **Perspectivas em Educação Física Escolar**. p. 41-51, 1996. Disponível em: < http://www.uff.br/gef/tadeu_esp.htm>. Acesso em 20 nov. 2016.
- ANDRADE, M. M. **Como preparar trabalhos para cursos de pós-graduação: noções práticas**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- ANGELO, F. et al. **Jogos educativos: estrutura e organização da prática**. 5 ed. São Paulo: Phorte, 2009.
- BRACHT, V. Esporte na escola e esporte de rendimento. **Revista Movimento**, Porto Alegre, ano 6, n. 12, p. 14-21, 2000.
- BRACHT, V. **Sociologia crítica do esporte**. Ijuí: Unijuí, 2003.
- BRACHT, V. Sociologia do esporte e educação física escolar. In: REZER, R. (org.). **O fenômeno esportivo: ensaios críticos-reflexivos**. Chapecó: Argos, 2006. p. 33-43.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**. Educação Física / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC / SEF, 1997.
- BRASIL. **Estatuto da criança e do Adolescente**, na lei nº 8069, de 13 de julho de 1990. Disponível em: < <http://www.soleis.com.br/ebooks/0-eca.htm>>. Acesso em 02 set. 2016.
- CHICON, J. F. **Inclusão na educação física escolar: construindo caminhos**. 2005. 426 f. Tese (Doutorado em Educação) — Programa de Pós- Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo (Feusp), São paulo, 2005.
- COSMO, J. A formação do professor de educação física na perspectiva da inclusão: um estudo em anais do conbrace/conice. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 36, n. 2, p. 859-872, abr./jun. 2014.
- COSMO, J. **Tecendo olhares sobre a educação física e a inclusão: um estudo sobre a subjetividade do trabalho docente**. 2015. 198f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação Física e Desportos, Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Vitória, 2015.
- COSTA, A. M. **Atividade física e esportes para portadores de deficiência física: lazer, atividades física e esportiva para portadores de deficiência**. Brasília: SESI - DN: Ministério do Esporte e Turismo, 2001.
- CRUZ, L. R.; BARRETO, S. J. **A importância do lazer e inclusão de pessoas portadoras de deficiência mental na sociedade**. Monografia apresentada ao curso de especialização em Psicopedagogia do Instituto Catarinense de Pós-Graduação. 2005.

- DARIDO, S. C.; SOUZA JÚNIOR, O. M. **Para ensinar educação física:** possibilidades de intervenção na escola. Campinas: Papyrus, 2007.
- FERREIRA, A. **Novo Aurélio o dicionário da língua portuguesa século XX.** 3 ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FRANCO, M. L. P. **Análise de Conteúdo.** Brasília: Líber Livro, 2008.
- FREIRE, J. B. **Pedagogia do futebol.** Londrina: Ney Pereira, 1998.
- FREIRE, J. B. **Pedagogia do futebol.** Campinas: Autores Associados, 2003.
- FREIRE, J. B. **Educação de corpo inteiro:** teoria e prática da educação física. São Paulo: Scipione, 2009.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- GALATTI, L. R. **Pedagogia do esporte:** o livro didático como um mediador no processo de ensino e aprendizagem dos jogos esportivos coletivos. 2006. 138 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade de Campinas, Campinas, 2006.
- GALLARDO, J. S. P. **Prática de ensino em educação física:** a criança em movimento. São Paulo: FTD, 2009.
- KLEIN, A. M.; PÁTARO, C. S. de O. A escola frente às novas demandas sociais: educação comunitária e formação para a cidadania. **Revista Cordis** [online], São Paulo, n. 1, 2008. Disponível em <<http://revistas.pucsp.br/index.php/cordis/issue/view/719>>. Acesso em 18 out. 2016.
- KUNZ, E. **Didática da Educação Física.** Ijuí: Unijuí, 1994.
- KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte.** Ijuí: Unijuí, 2006.
- LÜDKE, M; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. 2. ed. Rio de Janeiro: E.P.U., 2013.
- MARSHALL, T. H. **Cidadania, classe social e status.** Rio de Janeiro: Zahar, 1967.
- MUTTI, D. **Futsal:** da iniciação ao alto nível. São Paulo: Phorte, 2003.
- NEVES, J. L. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. **Caderno de pesquisa em administração**, São Paulo, v.1, n. 3, p. 1996. Disponível em: <<http://www.ead.fea.usp.br/cad-pesq/arquivos/C03-art06.pdf>>. Acesso em: 12 set. 2016.
- PAES, R. R. **Educação física escolar:** o esporte como conteúdo pedagógico do ensino fundamental. Canoas: Ed. Ulbra, 2001.

RAMOS, B. A. Escolinhas de futsal iniciação esportiva, treinamento precoce e metodologias de ensino. In: SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO PANTANAL MATO-GROSSENSE, 2012, Cuiabá. **Anais eletrônicos...** Disponível em: < http://www.unemat.br/eventos/sefipa/docs/ESCOLINHAS_DE_FUTSAL_INICIACAO_ESPORTIVA.pdf>. Acesso em 10 nov. 2016.

REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J. **Pedagogia do esporte**: jogos coletivos de invasão. São Paulo: Phorte, 2009.

RIBEIRO, N. M. S. et al. Análise do ambiente de lazer para portadores de deficiência física com alteração na locomoção, na cidade de Salvador. **Diálogos possíveis**, Faculdade Social da Bahia. Janeiro/junho, 2007. Disponível em: <<http://www.fsba.edu.br/dialogospossiveis/artigos/10/1.pdf>>. Acesso em 20 set. 2016.

REZER, R. O fenômeno esportivo: ponderações acerca das contradições do paradigma da “iniciação”. In: REZER, R. (org.). **O fenômeno esportivo**: ensaios críticos-reflexivos. Chapecó: Argos, 2006. p. 145-177.

REZER, R. **A prática pedagógica em escolinhas de futebol/futsal**: possíveis perspectivas de superação. 2003. Dissertação (Mestrado). Centro de Desportos. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

RÔAS, Y. A. S.; REIS, E. J. B. Causas e consequências de um estilo de vida sedentário e possibilidades de transformar ao conhecimento de hábitos saudáveis em ações práticas e concretas. **EFDeportes.com**, Buenos Aires, ano 17, n. 168, maio 2012. Disponível em: < <http://www.efdeportes.com/efd168/consequencias-de-um-estilo-de-vida-sedentario.htm>>. Acesso em 15 set. 2016.

SANTANA, W. C. Iniciação esportiva e algumas evidências de complexidade. In: SIMPÓSIO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS DO SUL DO BRASIL, 14., 2002, Ponta Grossa. **Anais...** Ponta Grossa: Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2002. p. 176-180.

SANTANA, W. C. Uma proposta pedagógica para o futsal na infância. **Revista Unopar Científica**, Londrina, v.2, n.1, p.69-85, dez. 1998. Disponível em: http://www.pedagogiadofutsal.com.br/texto_029.htm. Acesso em: 27 out. 2016.

SILVA, L. G. M.; FERREIRA, T. J. O papel da escola e suas demandas sociais. **Periódico Científico Projeção e Docência**, v. 5, n.2, dez. 2014. Disponível em: < <http://revista.faculdadeprojecao.edu.br/index.php/Projecao3/article/viewFile/415/372> >. Acesso em: 13 nov. 2016.

TANI, G. **Comportamento motor**: aprendizagem e desenvolvimento. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

TANI, G. et al. **Educação física escolar**: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista. São Paulo: EPU, 1988.

APÊNDICES

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO AOS ALUNOS

QUESTIONARIOS COM OS ALUNOS

- Idade: _____

- Sexo: _____

- Escolaridade: _____

- Que tipo de atividades são desenvolvidas na escolinha de futebol que você mais gosta?

- Sente falta de alguma coisa nas aulas? Caso afirmativo. O que?

- Existem momento de conversa? O que é conversado? O que você pensa sobre elas?

- Você sabe o que é cidadania?

- Você acha que a escolinha de futebol contribui para a formação cidadã? Como?

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO AOS RESPONSÁVEIS

QUESTIONARIO COM OS PAIS

- Idade: _____

- Sexo: _____

- Como vocês compreendem a ação que a escolinha faz para com os alunos (qual tarefa)?

- Estabeleça um grau de importância de 1 a 4

() Formação de atleta;

() Formação de cidadão;

() Provocar a compreensão da cultura corporal de movimento;

() Proporcionar esporte e lazer;

() Ocupar o tempo da criança

() Outro _____

- De que forma vocês avaliam o trabalho enquanto espaço de iniciação/desenvolvimento esportivo?

- De que forma vocês avaliam o trabalho enquanto espaço de iniciação/desenvolvimento social e valorativo/atitudinal?

- Você acha que a escolinha contribui para a formação cidadã de seu filho?

- O que vocês esperam da escolinha de futebol?

APÊNDICE C – ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM PROFESSOR

ENTREVISTA AOS PROFESSORES

- Idade;
- Sexo;
- Formação;
- Qual o objetivo da escolinha de futebol?
- Quais as dificuldades encontradas no trabalho?
- Como é o público atendido pela escolinha de futebol?
- Como é a relação entre a escolinha com os pais e a comunidade?
- Quais são as atividades que são desenvolvidas com os alunos?
- Há espaços e momentos de diálogos entre o professor e o aluno no decorrer das atividades com objetivos diferenciados (questões esportivas, sociais, atitudinais, entre outros)?
- Em qual perspectiva de ensino as aulas são trabalhadas? Porque?
- O que significa cidadania ou cidadão?
- Quais valores são difundidos nas aulas da escolinha?
- Esses valores e atitudes são necessários em nossa cultura? Porque?
- Existem outras perspectivas para o ensino do futebol? Qual(is)? Explique